



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA  
CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA



**CARLOS MAGNO SOUSA SILVA**

**O PROTAGONISMO DA ESCOLA DE MÚSICA JOSÉ BANDEIRA NO MUNICÍPIO  
DE ITAPECURU-MIRIM - MA**

São Luís  
2018

**CARLOS MAGNO SOUSA SILVA**

**O PROTAGONISMO DA ESCOLA DE MÚSICA JOSÉ BANDEIRA NO MUNICÍPIO  
DE ITAPECURU-MIRIM - MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Francisco de Sales Padilha

São Luís  
2018

**CARLOS MAGNO SOUSA SILVA**

**O PROTAGONISMO DA ESCOLA DE MÚSICA JOSÉ BANDEIRA NO MUNICÍPIO  
DE ITAPECURU-MIRIM - MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
em Música da Universidade Federal do Maranhão,  
para a obtenção do grau de Licenciado em  
Música.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Antônio Francisco de Sales Padilha** (Orientador)

Doutor em Etnomusicologia e Mestre em Direção Musical pela  
Universidade de Aveiro (UA),  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Dr. Alberto Pedrosa Dantas Filho**

**1º Examinador**

Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Me. Daniel Moraes Cavalcante**

**2º Examinador**

Universidade Federal do Maranhão

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me iluminado durante todo o curso, possibilitando aquisição de novos conhecimentos, reflexões e acima de tudo, agradecer pelo dom da vida;

Aos meus amigos de curso, professores Carlos Martins, Alváro Nascimento, Jânio Padilha, Raimundo Luiz, Ivan, “Zézé da Flauta”, Francisco Rodrigues, Tomaz Aquino e todos que de uma maneira ou de outra, contribuíram para a concretização deste sonho;

À minha família, Maria Elizete (esposa) Pedro Isac (filho) e Paulo Gabriel (filho) por todo amor, compreensão dedicados a mim, e principalmente por acreditarem junto comigo em meu sonho e entenderem os momentos de ausência;

Em especial aos meus pais (Antônio Alves da Silva e Maria da Conceição Sousa da Silva) que sempre me incentivaram a buscar em primeiro lugar os estudos e ter uma profissão;

Ao professor Antônio Francisco de Sales Padilha pela sua dedicação na orientação firme, mas afetuosa com a temática e por compartilhar seus conhecimentos;

Enfim, a todas as outras pessoas que infelizmente não poderei citar aqui, meu muito obrigado!

### ***“Porque Música?”***

*I – Música é ciência*

*II – música e Matemática*

*III – Música é Língua Estrangeira*

*IV – Música é História*

*V – Música é Educação Física*

*VI – Música desenvolve “Insight” e requer  
pesquisa*

*VII – Música são todas essas coisas, mas  
acima de tudo, Música é Arte,  
por isso ensinamos Música:*

*Não porque esperamos que todos se  
formem músicos,*

*Não podemos esperar que você toque  
ou cante a vida toda...*

*Mas, para que você seja humano,  
para que você reconheça a beleza,  
para que você esteja mais perto de um  
infinito, além deste mundo,  
para que tenha algo a se agarrar  
para que tenha mais amor, mais  
compaixão.*

*Mais gentileza, mais  
bondade. Resumindo, mais  
vida”.*

Autor desconhecido.

## **RESUMO**

Ao longo dos tempos, a Música tem desempenhado um importante papel no desenvolvimento da Humanidade, agregando valores indispensáveis ao exercício da cidadania seja no social, religioso, moral etc. O presente trabalho realizou uma análise discursiva da importância da Escola de Música José Bandeira para o Município de Itapecuru-Mirim, e como ela contribui para a inserção de crianças, jovens e adolescentes no mundo musical, além de promover eventos e apresentações possibilitando um leque de opções culturais para as famílias Itapecuruenses. E buscou, entender um pouco da História da Educação em nosso município.

**Palavras-chave:** Escola de Música. Itapecuru-Mirim. Educação.

## **ABSTRACT**

Throughout the time, Music has played a very important role in the development of Humanity, adding indispensable values to the exercise of citizenship socially, religiously, morally, etc. this work did a discursive analysis of José Bandeira Music School importance to Itapecuru-Mirim municipality, and how it contributes to insert children and teenagers into the musical world, besides making events and presentations allowing families from Itapecuru having a great variety of cultural options. And we also tried to understand a little bit about the History of Education in our city.

Keywords: Music School. Itapecuru-Mirim. Education.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1	Igreja do Colégio, séc. XVIII .....	18
Figura 2	Pátio do Colégio, São Paulo .....	18
Figura 3	Mapa de Itapecuru-Mirim – MA.....	31
Quadro 1	Horário das aulas.....	53
Partitura 1	Música „A Canoa Virou'.....	62
Partitura 2	Música „Como é Grande o meu amor por você'.....	64

## LISTA DE IMAGENS

Imagen 1	Mulheres quebradeiras de coco .....	35
Imagen 2	Casa da Família Nogueira .....	37
Imagen 3	Apresentação em Homenagem ao Sr. José Bandeira .....	41
Imagen 4	Com Integrantes da Orquestra Jovens Concertantes, Itapecuru-Mirim .....	43
Imagen 5	SL Tubones .....	46
Imagen 6	Professor Elton Regis .....	46
Imagen 7	Professor Neilan .....	47
Imagen 8	Leitura musical .....	49
Imagen 9	(A) Reunião dos pais com representantes do Centro Espírita Amor e Caridade e a E. M. José Bandeira .....	51
Imagen 10	(B) Reunião dos pais com representantes do Centro Espírita Amor e Caridade e a E. M. José Bandeira .....	51
Imagen 11	Apresentação na Escola U. I. Roseana Sarney, Bairro Malvinas ....	54
Imagen 12	Explicando as brincadeiras na Escola U. I. Roseana Sarney, Bairro Malvinas .....	55
Imagen 13	Fim da apresentação na Escola U. I. Roseana Sarney, Bairro Malvinas .....	55
Imagen 14	Apresentação na Escola U. I. Abdala Buzar, Bairro Malvinas .....	56
Imagen 15	Instrumentos de sopro recebidos do concurso Cielo, B. do Brasil e B. Bradesco.....	58
Imagen 16	Alunos ansiosos para soparem os novos instrumentos .....	59
Imagen 17	Primeira apresentação da Orquestra no Itapecuru Social Club (Abertura) .....	61
Imagen 18	Primeira apresentação da Orquestra no Itapecuru Social Club (Encerramento).....	61
Imagen 19	Prof. Francisco e o aluno Severino na abertura da primeira apresentação .....	63
Imagen 20	Apresentação na praça Gomes de Sousa .....	65

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	10
<b>1 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO MUSICAL .....</b>	14
1.1 A Educação no Brasil Imperial e Colonial.....	16
1.2 <i>Ratio Studiorum</i> .....	20
1.3 A vinda da Família Real para o Brasil.....	21
<b>2 A EDUCAÇÃO MUSICAL E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA .....</b>	26
2.1 A Construção da Cidadania .....	26
<b>3 ITAPECURU-MIRIM.....</b>	31
3.1 O Campo de Trabalho .....	31
3.2 Elevação a Cidade e Território .....	32
3.3 Etimologia da palavra Itapecuru-Mirim .....	33
3.4 As quebradeiras de coco babaçu .....	34
3.5 Itapecuru-Mirim, Cosme Bento e a Balaiada.....	35
3.6 O início do Processo Educativo em Itapecuru-Mirim.....	36
<b>4 A ESCOLA DE MÚSICA JOSÉ BANDEIRA DE OLIVEIRA SOBRINHO.....</b>	39
4.1 O Processo de Criação da Escola de Música .....	39
4.2 A relação Escola/Comunidade .....	42
4.3 Atividades desenvolvidas .....	42
4.4 Ajudando o desenvolvimento da música em Itapecuru.....	43
4.5 Metodologia e Pedagogia aplicada na Escola .....	44
4.6 Concurso: Cielo, Banco do Brasil e Bradesco .....	57
4.6.1 As regras do concurso: Cielo, Banco Bradesco e Banco do Brasil.....	58
4.6.2 O recebimento dos instrumentos .....	58
4.7 A progressão dos alunos .....	59
4.8 Da formação da Orquestra .....	60
4.9 As apresentações da Orquestra .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	66
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	68
<b>APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS DO ARQUIVO PESSOAL .....</b>	72

## INTRODUÇÃO

Na década de 1980, mais precisamente em 1982, se perguntássemos a um jovem de 9 anos, nascido e residindo em Itapecuru-mirim, o que ele queria ser na vida, a resposta, com certeza, seria Jogador de futebol. Eu não destoei dessa premissa, afinal, jogador de futebol era e continua sendo um “astro”, uma pessoa que se destaca na multidão. Mesmo que não ganhasse a fortuna que hoje alguns ganham, era uma profissão que possibilitaria aos jovens pobres brasileiros alcançar um lugar ao sol, podendo comprar confortáveis residências aos seus familiares, viajar o mundo todo e ainda ser alvo preferido das belas mulheres.

Meus pais (Antônio Alves da Silva e Maria da Conceição Sousa da Silva), que não tiveram a felicidade de frequentar as escolas formais de Educação, sonhavam que seus filhos pudessem ajudá-los na manutenção da casa e, para tanto, os obrigavam a apreender um ofício que lhes rendesse algum ganho econômico. Assim, eu tive que passar por várias oficinas, para apreender diversos ofícios e, posteriormente, teria que me dedicar ao que eu demonstrasse mais aptidão.

Incialmente, fui designado para ser carpinteiro. Fiquei um bom tempo como ajudante do Senhor Bruno Viana, mestre de carpintaria, que me ensinou os primeiros passos para me tornar um carpinteiro. Posteriormente, fui mandado para a oficina de serralheria, do Mestre Ferreirinha, que já trazia no nome o designo para o ofício. Lá, aprendi a soldar, serrar, medir, enfim, fazer as formas dos portões, das janelas, das portas etc. Ouvindo as batidas, lixadas e ruídos produzidos pelo compressor de uma oficina de mecânica de automóveis, que se instalou nos fundos de nossa residência, meu pai teve mais uma inspiração e me colocou para conhecer as engrenagens dos motores dos veículos. No entanto, não sei por quê, em 1987, meu pai me encaminhou à Escola Municipal de Música Joaquim Araújo, onde os professores Carlos Martins e Álvaro Nascimento (Apêndice A) ensinavam a arte de tocar um instrumento musical.

O ponto de viragem na minha vida musical ocorreu no final do ano de 1991, quando a cidade de Itapecuru-Mirim recebeu a visita da então Secretaria de Estado da Cultura, Profª. Nerine Lobão Coelho. Acompanhando a Secretaria estava o Diretor da Escola de Música do Estado do Maranhão “Lillah Lisboa” (EMEM), o

Prof. Antônio Francisco de Sales Padilha. Padilha, como ficou por nós conhecido, levou umas estantes, uns cadernos e umas cópias de métodos de instrumentos de sopro para presentear a nossa Escola. Fez uma reunião com os alunos e, percebendo a carência de informações e de técnicas na arte de tocar um instrumento musical, prometeu que voltaria para nos ajudar tão logo pudesse.

Duas semanas depois, Padilha retornou a Itapecuru e se fez acompanhar de dois outros professores da EMEM: Thomaz de Aquino Leite, que ficou responsável pelas aulas dos instrumentos de sopro de palhetas e Jânio de Jesus Padilha que atuou com os alunos de trombone, barítono e tuba, e o próprio Padilha ficou responsável pelos alunos de trompete. Essas visitas ocorreram esporadicamente no ano de 1992. Comprovando que o nosso estudo estava surtindo efeito com os professores da EMEM, decidimos, eu (Carlos Magno), Analício Dos Santos Silva e Carlos Eduardo Sampaio procurar a direção da EMEM em São Luís e tentarmos ser aceitos como alunos dessa Instituição. A conversa com o Diretor da EMEM, Professor Padilha, foi muito produtiva. Saímos do encontro com a garantia de sermos aceitos como alunos bolsistas e logo nos matriculamos.

Duas vezes por semana, durante um ano, nós nos deslocávamos para São Luís para assistir aulas na EMEM. No ano de 1993, decidimos que era hora de mudar para São Luís, pois, com a mudança de gestor municipal, a Escola Municipal de Música de Itapecuru sofreu alterações em sua administração, sendo os professores Carlos Martins e Álvaro do Nascimento Silva demitidos, tendo assumido a direção o Senhor José Santana, que, infelizmente, não conduziu a Escola da forma esperada, contribuindo assim, para que muitos alunos deixassem de frequentar a escola.

Em São Luís, tivemos que contar com a ajuda de parentes, pois ainda não trabalhávamos. Mais uma vez, o sonho de me tornar um jogador de futebol permeou a minha mente. Ao mesmo tempo que estudava na EMEM, decidi, com o apoio do meu pai, tentar a carreira desportiva. Ingressei no Maranhão Atlético Clube – MAC, como aspirante a jogador profissional. Treinava no MAC e continuava estudando na EMEM. Já decidido a me tornar jogador de futebol, mencionei essa decisão aos professores Thomaz de Aquino Leite e Cleómenis Teixeira. Lembro-me de que ambos me dissuadiram da ideia e me lembraram que jogador de futebol maranhense não tinha muita oportunidade e que, com a Música eu poderia correr o mundo e me

dar bem. Essa conversa foi deveras importante, pois, a partir dela, comecei a refletir sobre o assunto e acabei chegando à conclusão de que eu deveria optar pela Música. Essa decisão foi coroada com êxito, pois em 1994, fui aprovado no concurso público para soldado músico do Corpo de Bombeiro Militar do Maranhão.

Nesse mesmo ano, fui convidado para participar da Big Band da EMEM, um grupo que nascia com a perspectiva de dar aos alunos a oportunidade de fazer música em conjunto. Esse trabalho abriu muitas portas e me fez compreender quão importante a música pode ser para o relacionamento com as pessoas. Além de propiciar um ganho financeiro, a Big Band foi um laboratório, não somente para o aprendizado da Música, mas também da disciplina, da compreensão de que nunca podemos fazer nada sozinho, além da confirmação de que a música deveria fazer parte do mundo educativo de um modo geral.

Todas essas experiências, principalmente as que tive enquanto aluno do curso de música, me levaram a criar em Itapecuru-Mirim uma Escola, onde eu pudesse disseminar tudo que aprendi com os meus mestres e também gerar uma oportunidade aos jovens de minha cidade, da mesma forma que essas oportunidades me foram geradas. Assim como o Professor Padilha, que um dia chegou a nossa cidade e, através de sua ação, muitos dos jovens, que ali estavam em busca de uma vida melhor, conseguiram alcançar seus objetivos, eu fiz o caminho de volta, e, hoje, estou tentando dar a esses jovens uma oportunidade de conhecerem a linguagem musical que me levou a caminhos e locais que não imaginei chegar. Agora, como estudante do curso superior de música da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, estou registrando a importância da Escola de Música José Bandeira para os jovens de Itapecuru. Tal como a Escola Joaquim Araújo, que teve uma grande importância em minha vida, espero, com minha ação, que a Escola de Música José Bandeira tenha a mesma ou quem sabe maior importância nas vidas dos alunos.

Com este trabalho, pretendo, objetivamente discorrer sobre a importância da Escola de Música José Bandeira na educação musical dos jovens do município de Itapecuru-Mirim, e a relevante contribuição da Música para a formação social e humana, afastando-os de situação de risco, tão comum em nossos municípios (drogas, prostituição infantil) e principalmente demonstrar que, através da música, se pode incutir valores éticos apregoados por Platão há mais de 2.000 anos. Para tanto, no 1º Capítulo, apresento um recorte fragmentado da História da Educação no

Brasil. No 2º capítulo, exponho a importância da Educação Musical e seu papel na construção da cidadania. No 3º capítulo, apresento o município de Itapecuru-Mirim, meu campo de trabalho, e um pouco de sua história. No 4º Capítulo relato criação da A Escola de Música José Bandeira de Oliveira Sobrinho e seu percurso durante os primeiros anos. E, por fim, faço as considerações finais.

## 1 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO MUSICAL

Para que se possa compreender bem qual a função que a Escola de Música José Bandeira vem desempenhando no Município de Itapecuru-Mirim, é mister que se saiba como se deu o processo da Educação-Escola no mundo Ocidental. Os memorialistas, historiadores, escritores, romancistas, ao se referirem à educação do mundo ocidental, todos são unanimes ao afirmarem que o processo educativo do ocidente foi muito marcado pelas ideias desenvolvidas na Grécia Antiga, principalmente as que ocorreram durante os séculos VI e IV a.C., período considerado como o “Período Clássico” grego.

A Grécia Antiga era constituída por Cidades-Estados independentes: Esparta, Atenas e outras, sendo que cada Cidade-Estado tinha autonomia política e administrativa. Em algumas Cidades-Estados, o poder era exercido a partir de um sistema político conhecido como Democracia. Os cidadãos<sup>1</sup> gregos votavam, elegiam, decidiam suas questões a partir de um processo democrático. O pensamento educacional daquela época dependeria do modo como os dirigentes entendiam a função do Estado e do cidadão. Em Esparta, por exemplo, o cidadão era formado para defender o Estado, enquanto que em Atenas a Educação estava focada no desenvolvimento intelectual do indivíduo (PADILHA, 2018).

Os gregos acreditavam que a Música tinha a capacidade de provocar reações emocionais em quem as tocava ou as apreciava (doutrina dos ethos). Pitágoras foi um dos primeiros a pesquisar sobre a doutrina do éthos<sup>2</sup> (*estudava a influência da música sobre a alma causando sensações*) ele compunha e tocava para os seus discípulos, na tentativa de refrear as paixões como angústia, raiva, ciúme, anseios, preguiça e a impetuosidade. Considerava a música um remédio para as mentes inquietas e uma poderosa maneira de encorajar os soldados em campos de batalhas. Pitágoras estudou profundamente diferentes sequências de notas, denominadas escalas, que são ainda hoje usadas na configuração da música ocidental. Ele acreditava que os intervalos entre as notas dessas escalas possuíam uma influência diferente na alma humana, razão pela qual deveriam ser utilizados em gêneros musicais específicos (GAIGHER, 2012).

---

<sup>1</sup> Não era quem morava na cidade, mas, quem era nascido na cidade.

<sup>2</sup> Parte da retórica clássica voltada para o estudo dos costumes sociais.

Para os gregos, a Música e a Literatura tinham, em sua essência, o papel de educar a alma do homem, devendo ser ensinadas sem exagero, evitando assim que os cidadãos se tornassem sensíveis por demais. “A música entrava na vida da criança grega quando esta ainda era bebê, através das cantigas de acalanto que as aias (encarregadas da educação de crianças nobres) ou suas próprias mães entoavam”. (GONÇALVES, 2009, p. 30). Estudar música na Grécia abrangia as atividades ligadas a inteligência: “[...] tratava-se de estudar profundamente as artes liberais, a matemática, a escrita, o desenho, a declamação a física, a geometria, saber cantar no coro e tocar muito bem pelo menos um instrumento”. (LOUREDO 2001, p. 36 apud GONÇALVES, 2009, p. 30).

Platão expõe sua concepção de como a Música é um instrumento de Educação, uma espécie de modeladora do corpo e da alma e explicou como se dava o ensino de música na Grécia antiga.

As primeiras escolas dedicadas à educação musical teriam sido criadas pelos cretenses. No entanto, o apogeu da música em sala de aula foi durante os sécs. VI e V a.C., quando as escolas de músicas estabelecidas em Atenas onde os alunos com idade de 13 a 16 anos eram ensinados a tocar a lira e a kithara e também a cantar. No canto eram acompanhados pelo seu professor que tocava o aulos. A partir dos sete anos a criança ateniense passava a ter uma educação voltada para a música, poesia, canto, dança etc. (PLATÃO apud PADILHA, 2018, p. 43).

Pelo exposto por Platão, podemos inferir que o estudo da música na Grécia Antiga estava baseada, principalmente, em uma pedagogia em que o ensino estava fundamentado no processo de observações e imitações, quando todos os sentidos da visão, audição, tato conjugados com mecanismos de respiração desenvolviam a percepção e sensibilidade do aluno, que era instigado a captar as melodias (GONÇALVES, 2009).

A Música, para os gregos, estava intimamente ligada às mais variadas ações do cotidiano: as festas religiosas, os banquetes, as cerimônias cívicas, entre outros, e era indispensável para a formação do cidadão (GONÇALVES, 2009).

Segundo Vergara (apud GONÇALVES, 2009 p. 29) “[...] um cidadão, em condições ideais, estudaria a música até a idade de 30 anos”.

Se considerarmos os aspectos gerais da educação grega, iremos encontrar em Sócrates um importante pilar, pois ele, ao se apoiar em uma técnica filosófica baseada no diálogo, em que as respostas às perguntas deveriam ser dadas pelo próprio perguntador, bastando para isso que ele fosse conduzido nesse sentido. (CAZAVECHIA; TADA, 2006). “Talvez você pense que os livros sejam

inteligentes, mas se você lhes pedir uma explicação sobre algo que estiver escrito, eles responderão com um solene silêncio." (SÓCRATES apud GARCIA, 2014).

Sócrates não criou uma escola no sentido formal e nunca chegou a escrever nada de suas ideias, não deixou nenhum texto escrito, sendo as únicas referências à sua existência são encontrados nos textos de seus discípulos e/ou contemporâneos, entre os quais Xenofonte, Aristófanes e Platão, sendo que este último o criador de uma escola (Academus), provavelmente em 399 a.C., onde ensinava os princípios da Matemática e Filosofia. Platão foi um grande disseminador dos ensinamentos de Sócrates, de quem foi aluno e tinha 28 anos quando o mestre morreu.

Desta forma, podemos constatar que, ainda hoje, o método utilizado por Sócrates mostra-se atual, pois no ensinamento de música, nada substitui o modelo de olhar e ouvir o professor tocar e reproduzir, ou seja, o aluno é instado a procurar as respostas por ele mesmo, já que o professor não pode tocar por ele.

Outro pensador grego que nos deixou um modelo de ensino foi Aristóteles. Aristóteles, conhecido por ter sido o preceptor de Alexandre, o Grande, criou uma escola conhecida como Liceu. Ele tinha uma forma diferente de ensinar. Gostava de ensinar caminhando, cujo método passou a ser conhecido como peripatético (GARCIA, 2014).

Na Idade Média, com a dominação da Igreja Católica sobre quase todos os ambientes da sociedade, o ensino foi reformulado e a transmissão do conhecimento era feito a partir de um professor que falava, enquanto o aluno ouvia, sem que houvesse diálogo, método que ficou conhecido como escolástica. Essa forma de ensinar gerou o conceito de dar aulas (GARCIA, 2014).

## **1.1 A Educação no Brasil Imperial e Colonial**

Mesmo afirmando que a Educação no Brasil foi iniciada pela Igreja (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008), não podemos admitir que os nativos não tivessem seus métodos e metodologias de ensino, pois, quando da chegada dos portugueses nas terras conhecidas como Novo Mundo, sob a perspectiva do europeu, eles encontraram os nativos cantando, dançando, acompanhando-se de diversos instrumentos de percussão e instrumentos de sopro, como, por exemplo, a flauta de bambu.

A cultura dos nativos foi cada vez mais sendo substituída pela cultura do colonizador, pois o sistema de colonização dos portugueses nas terras brasileira foi exploratório e de aculturação. Assim, chegou até nós pouquíssimo do que realmente existiu, visto que a cultura dos povos nativos foi considerada como uma cultura inferior, portanto deveria ser substituída (GONÇALVES, 2009).

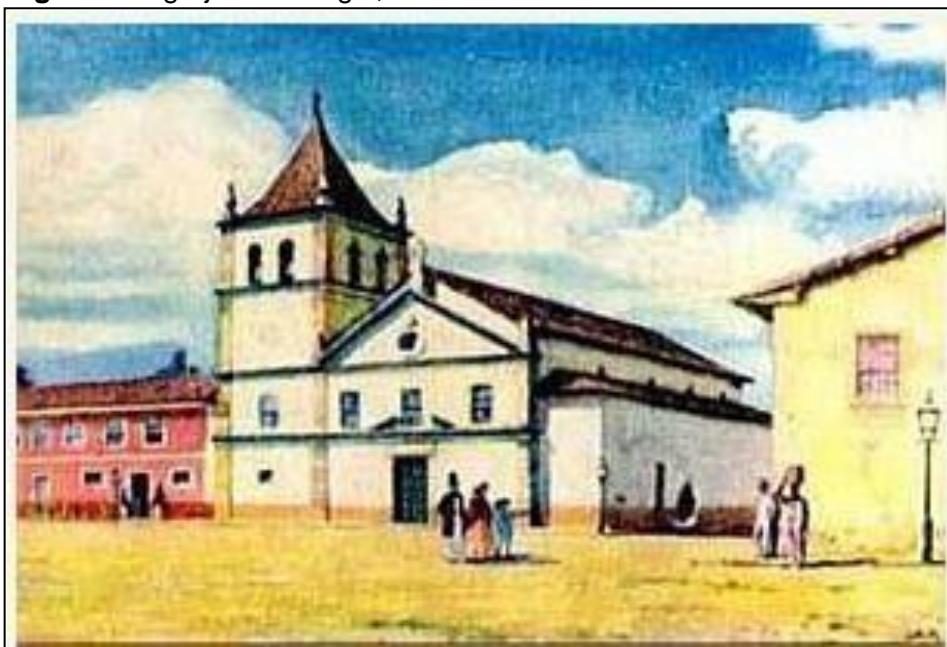
A história religiosa e musical da colônia começou praticamente em 1549, quando chegaram ao Brasil, acompanhando o novo Governador Geral Tomé de Sousa, os primeiros Jesuítas que tinham como objetivo converter os indígenas à fé católica pela catequese e pela instrução. A religião católica passou a ser a religião oficial, o que obrigava a população a seguir os preceitos, tais como ser batizado, casar-se no ritual católico, confessar, comungar e outros sacramentos obrigatórios (PILETTI, 1999).

A presunção de buscar salvar as almas dos nativos não logrou o êxito desejado. No entanto, os jesuítas deixaram um legado na área da Educação bastante significativo. Eles se constituíram nos primeiros professores da língua portuguesa e de música ocidental no território brasileiro. A hierarquia da Igreja Católica precisava ser refletida também nas novas terras. Para tanto, foi instalado na cidade de Salvador em 1552 o primeiro bispado do Brasil, tendo como o primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, que veio acompanhado do mestre de capelas Francisco Vacas.

Em 1553, acompanhando o segundo Governador Geral, Duarte da Costa, chegou ao Brasil um novo grupo de jesuítas, capitaneados pelo padre Manoel da Nóbrega, e entre eles, estava José de Anchieta. Os jesuítas e suas obras espalharam-se pelo país em regiões como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia (PILETTI, 1999).

Essa ação gerou as condições favoráveis para que, em 1554, fosse fundada em São Paulo a primeira escola (Figura 1 e 2) da Companhia de Jesus pelo padre Manoel da Nóbrega (PILETTI, 1999).

**Figura 1 – Igreja do Colégio, séc. XVIII.**



Fonte: Rodrigues (apud HELB, 2018).

**Figura 2 – Pátio do Colégio, São Paulo.**



Pátio do Colégio, São Paulo, SP, Brasil. Site da EMBRATUR, Ministério do Turismo do Brasil.  
<http://www.embratur.gov.br>

Fonte: EMBRATUR (apud HELB, 2018).

Em uma tentativa de fortalecer seu trabalho educacional, Manoel da Nóbrega recrutou o jovem padre jesuíta José de Anchieta para atuar na capitania de São Vicente (HELB, 2018). Anchieta foi, posteriormente, reconhecido realizador do

mais importante trabalho educacional do séc. XVI. Foi dele a ideia de fundar o primeiro teatro do Rio de Janeiro, que aconteceu em 1555. Nesse mesmo ano, dirigiu a performance do „Auto da Pregação Universal”, que é considerada como a primeira peça musical brasileira (ÁLVARES, 2000). Essa peça foi a primeira, e depois dela ele escreveu outros 21 autos entre 1564 e 1605, envolvendo música vocal, instrumental e dança (ALMEIDA, 1942; CERNICCHIARO, 1926; KIEFER, 1976; LANGE, 1966; LEITE, 1949 apud ÁLVARES, 2000).

No início, os jesuítas utilizaram os colégios como espaço educativo, mas também de catequese com a esperança de que as crianças catequizadas ajudassem e servissem de intérpretes para os índios adultos. Quanto ao ensino da Música, os jesuítas adaptavam o cantochão ao idioma dos indígenas e ao mesmo tempo o ensino dos instrumentos europeus, uma vez que a ordem não via com bons olhos o caráter, para eles, selvagem dos instrumentos, dos ritmos, das escalas e das danças indígenas (KIEFER, 1977 apud GONÇALVES, 2009).

Os jesuítas foram aos poucos introduzindo noções religiosas e novas técnicas de trabalho. Usavam os indígenas como trabalhadores rurais e, com isto, angariavam bons produtos que eram comercializados, livres de impostos, o que veio a causar conflitos com os agroexportadores portugueses, que não podiam escravizar os índios e tinham que pagar altos valores para ter os escravos africanos (TEXEIRA, 2000, p. 52).

Tanto na Educação e quanto na Catequese, os sermões dos jesuítas eram armas poderosas. Era através dos sermões que os padres impressionavam o “público” que os ouvia, com o uso de uma linguagem simples direta as pessoas rudes ignorantes, analfabetas ou seja: homens, mulheres e crianças que não estavam acostumados à reflexão de temas abordados nos sermões. Um outro instrumento usado pelos missionários da Companhia de Jesus era o Teatro e a Música, que eram o recurso para divulgar e converter os nativos. As peças de teatro eram representadas e as músicas cantadas na linguagem indígena, ou em português e abordavam questões do cotidiano dos nativos, mas também lhes inculcavam a religiosidade e a moral católica, trabalhando com ideias do bem e do mal, pecado e virtude, pecados atribuídos às divindades adoradas pelos nativos e defendendo o monoteísmo cristão (ROSÁRIO; MELO, 2015)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup>UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

A Companhia de Jesus veio ao Brasil com o objetivo maior de evangelizar os nativos e transformar a população nativa e colonial em adeptos do catolicismo. Neste sentido, pode-se dizer, através dos colégios e das missões, que os jesuítas realmente auxiliaram no processo de colonização brasileira. Transformando este país em um país católico, de língua portuguesa, defenderam a cultura dominante cristã ocidental, formaram a elite dominante (ROSÁRIO; SILVA, 2004).

Em 1570, os jesuítas já possuíam oito estabelecimentos de ensino, sendo 5 escolas de nível elementar e 3 colégios de nível médio. As escolas e colégios Jesuítas eram subsidiados pelo Estado português e tinham, entre suas funções, preparar gratuitamente sacerdotes para ampliarem os trabalhos da catequese, instruir e educar os indígenas, os mamecos e os filhos dos colonos brancos. O estudo era encarado como fundamental, pois naquela época havia uma guerra de ideias. O Protestantismo estava cada vez mais avançando e a Igreja Católica precisava manter seu estatuto de preservadora dos valores morais e da difusão da cultura cristã europeia. Iniciou-se, assim, um processo de criação de escolas elementares, secundárias, seminários e missões que se espalharam por todo Brasil até o ano de 1759, quando os jesuítas foram expulsos do país pelo Marquês de Pombal, pois como discorrido, eles estavam disputando o mercado com os agroexportadores portugueses. Eles podiam usar a mão de obra barata dos indígenas, enquanto os portugueses tinham que desembolsar altas somas para adquirir escravos africanos. Nesse interim, de 210 anos, eles catequisaram maciçamente os índios, educaram os filhos dos colonos, formaram novos sacerdotes e a elite intelectual brasileira, promoveram o controle da fé e da moral dos habitantes e a difusão e unificação da língua portuguesa de norte a sul do país (ROSÁRIO; SILVA, 2004).

## **1.2 *Ratio Studiorum***

Através dele, a classe dominante adquiriu um verniz cultural que a distinguiu dos demais; do povo rude, plebe. Segundo Cunha (apud ROSÁRIO; MELO, 2015, p. 385),

[...] a *Ratio Studiorum*, promulgada em 1599, previa um currículo e método único para os estudos escolares, divididos em dois graus, supondo o domínio das técnicas elementares da leitura, escrita e cálculo. Dividiu os estudos em dois graus: o inferior (correspondente ao ensino médio) e o superior (universitário). No ensino inferior, propôs o estudo da gramática, humanidades e retórica e no superior: filosofia e teologia.

Mantendo a unidade de ação e cultivando a disciplina, atenção e a perseverança nos estudos, os jesuítas adaptaram ao Brasil a proposta de *Ratio Studiorum*. Assim, estruturaram no país 4 grades de ensino sucessivos propedêuticos: o curso elementar, o curso de humanidades, o curso de artes e o curso de Teologia. O curso elementar instruía nas primeiras letras (ler, escrever e contar) e a doutrina católica, enquanto o curso de humanas, ministrado em latim, com duração de 2 anos, incluía o ensino da gramática, da retórica e das humanas. O ensino das línguas grega e hebraica foram trocadas pelo tupi-guarani, em uma tentativa de facilitar a ação das missões. O curso de Artes (Ciências naturais ou Filosofia) tinha duração de 3 anos. Nele eram ensinados: Lógica, Física, Matemática, Ética e Metafísica; formando bacharéis e licenciados (ROSÁRIO; MELO, 2015, p. 385).

Do ponto de vista metodológico, segundo Larroyo, o curso de humanidades, tinha como objetivo implementar e implantar o ensino da literatura nos moldes do estilo literário de autores clássicos. Já nos cursos superiores de Filosofia e Teologia, predominava o escolasticismo medieval, afastando, desta forma, os intelectuais do espírito científico nascente. Este tipo de educação privilegiou o trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual, implementando no país a ideia de que o trabalho intelectual é digno, enquanto, o trabalho manual e braçal não são tão dignos. Esta educação acabou legitimando a divisão social do trabalho no Brasil (ROSÁRIO; MELO, 2015, p. 386).

### 1.3 A vinda da Família Real para o Brasil

Em 1807, Napoleão declarou guerra a Portugal, fazendo com que D. João VI desembarcasse, com sua corte, no Rio de Janeiro em março de 1808, fugindo dos exércitos franceses. Essa fuga e o estabelecimento da família real no Brasil trouxe uma época de prosperidade e desenvolvimento artístico e cultural para a Colônia (ÁLVARES, 2000). A colônia, que sempre tinha sido vista como uma mera fonte de riqueza a ser explorada e mandada para a metrópole, agora tornou-se a

terra onde a família Real estava a viver, o que obrigou a Coroa a fazer mudanças tanto no espaço físico quanto ambiente cultural, conduzindo a uma nova configuração social, o que favoreceu o desenvolvimento das artes, notadamente da Música. As ações implementadas buscaram construir, da melhor maneira possível, o cenário da prática musical da corte de Lisboa, no Rio de Janeiro (PACHECO, 2007, p.11 apud GONÇALVES, 2009).

Com a chegada da Corte foi dada grande relevância para as Artes que passaram a fazer parte da vida urbana do Rio de Janeiro e posteriormente de grande parte do Brasil. D. João VI era um financiador das Artes em Portugal, especialmente da música. Segundo Pacheco (2007 apud GONÇALVES, 2009, p. 48) “[...] muitos dos gastos com música eram, na prática, contabilizados como despesas particulares do rei”. Ainda de acordo com Pacheco (2007 apud GONÇALVES, 2009, p. 48) “[...] nesse período, nas terras portuguesas o estilo mais executado e admirado era a ópera italiana e suas vertentes, mas, segundo os biógrafos do monarca, a música litúrgica figurava entre as suas preferências”.

No ano de 1818, o mestre da capela real, padre José Maurício Nunes Garcia, escreveu o compêndio de música e um método para piano forte, pouco antes de ser configurada a primeira lei oficial que criava um curso de Música no Brasil (JOPPERT, 1965 apud ALVARES, 2000, p. 5).

O tempo de D. João VI foi considerado como um momento grandioso para a música no Brasil. Principalmente quando da reorganização da Capela Real pelo padre José Maurício Nunes Garcia, que lhe deu grande fulgor, mandando vir de Lisboa o organista José do Rosário”. (AMATO, 2006, p. 146).

Em janeiro de 1847, foi editada a primeira lei que estabelecia o conteúdo musical a ser utilizado para a formação musical: princípios básicos de solfejo, voz, instrumentos de corda, instrumentos de sopro e harmonia (ALVARES, 1999 apud SILVA, 2013).

Em 1851, D. Pedro II aprovou a Lei 630 que estabeleceu os conteúdos de música nas escolas primárias e secundárias, oficializando o ensino musical na escola pública (SILVA, 2013). No começo do século XX, surgiram trabalhos importantes como o método criado por Gomes Júnior em 1915 (método analítico), que, apesar de não ser utilizado hoje em dia, pode ser considerado um trabalho pioneiro baseado em um sistema de movimento e improvisação (ALVARES, 2000).

Gomes Junior introduz o canto orfeônico na Educação brasileira no início do séc. XX. Com a transformação do Conservatório do Rio de Janeiro em Instituto Nacional de Música e a fundação do Conservatório Dramático e Musical por Gomes Júnior em São Paulo no ano de 1906, foram implementados princípios pedagógicos baseados nos padrões pedagógicos do Conservatório de Paris.

O canto orfeônico possui características próprias que o diferencia do canto coral erudito, não sendo exigido nenhum conhecimento musical ou prática vocal dos participantes. Ao contrário do canto coral erudito, que para os participantes exige-se conhecimento musical, técnica vocal, no canto coral livre não há distribuição das vozes com uma rigorosidade, nenhum rigor técnico para interpretação. O canto orfeônico surgiu na França e se difere do canto coral, pois seu público alvo são as camadas populares da sociedade com o objetivo da alfabetização musical das massas (GONÇALVES, 2009).

Com o processo de industrialização, as Artes tomaram novas direções em consequência do desenvolvimento tecnológico. Como diz Teixeira (1934 apud ALVARES, 2000, p. 7) “Na década de 20, Anísio Teixeira propôs reformas no sistema educacional [brasileiro]”. Em 1937, o golpe continuista de Getúlio Vargas, que, após suprimir a constituição de 1934, estabeleceu a ditadura do Estado Novo, pondo fim às liberdades democráticas que vigoravam no país. Esse regime político teve papel crucial no desenrolar da educação musical do século XX (SILVA, 2013).

A Reforma Francisco Campos (Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931), assinado pelo presidente Getúlio Vargas, tornou o Canto Orfeônico, disciplina obrigatória no ensino secundário ministrado no Colégio Pedro II e nos estabelecimentos sob a inspeção oficial do Governo. O colégio Pedro II era o estabelecimento padrão e a partir do que acontecia nele ou era determinado para ele, as demais instituições, que eram supervisionadas pelos inspetores do Governo, deveriam seguir seu modelo (GONÇALVES, 2009).

Em 1932, O secretário de educação Anísio Teixeira fundou a Superintendência de Educação Musical e Artística – SEMA, com o objetivo de aprimorar a educação musical nas escolas primárias e secundárias, e convidou Villa Lobos para o cargo de diretor do SEMA (ALVARES, 2000).

Foi necessário configurar um projeto para formar os professores capazes de ministrar as primeiras noções de música e o Canto Orfeônico nas escolas públicas de todo o Brasil.

Segundo Gonçalves (2009, p. 71) “[...] foram organizados alguns cursos de férias, com duração de apenas um mês, em caráter emergencial para professores geralmente formados pelo curso Normal que tivessem pelo menos um mínimo de conhecimento musical”, “[...] uma vez que não havia número suficiente de professores de Música para atender as escolas públicas.” (LOUREIRO, 2001 apud GONÇALVES, 2009, p. 71). “Essa precarização da formação docente tornou consequentemente as exigências para admissão no cargo menos criteriosas, colaborando assim para o declínio das práticas musicais nas escolas”. (GONÇALVES, 2009, p. 71). Ainda hoje observa-se essa precarização na formação dos professores de música. Os cursos superiores de música no Maranhão por exemplo, só foram implantados na última década.

Sem sombra de dúvidas, o SEMA foi um grande projeto de “formação” de professores de música. E com a contribuição do talentoso Villa Lobos o Canto Orfeônico notabilizou-se como o maior projeto de Educação musical do Brasil até então. Porém, alguns autores criticam o trabalho educacional de Villa Lobos devido ao fato de associar Educação musical nas escolas com ideias de moral e comportamento cívico e por estar ligado ao Estado Novo (ÁLVARES, 2000, p. 7). Com isso, o Canto Orfeônico, que era uma presença muito forte nas escolas brasileiras até o final da década de 1960, acabou enfraquecendo, desaparecendo, sumindo gradativamente do currículo escolar.

Em 1961, foi publicada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 4.024 de 20 de novembro de 1961. Essa lei não especificava quais as disciplinas que deveriam compor o ensino primário ou qualquer tópico sobre educação e arte. O ensino primário seria composto de quatro séries e após ele, o estudante cursaria o grau médio, composto pelo ciclo ginásial e colegial e para a educação neste nível médio, encontramos o artigo 38: “Na organização do ensino de grau médio serão observadas as seguintes normas: [...] VI – atividades complementares de iniciação artística;” (BRASIL, 1961).

Em 1971 com a promulgação da lei 5.692, o ensino das Artes foi unificado e instituído o ensino polivalente, sendo todas as artes acopladas na disciplina Educação Artística. Assim, a Música perdeu o seu estatuto de disciplina autônoma e passou a integrar, apenas como uma atividade educativa, a área de estudos denominada Educação Artística (ARAÚJO, 2002).

Essa experiência não logrou o êxito esperado, se é que se esperava alguma coisa dessa experiência, pois a polivalência exigia que um só professor fosse exímio nas diferentes linguagens: as Artes visuais, Teatro, Música e Dança. Essa situação, gerou muita dicotomia, pois muitas vezes o professor que deveria ministrar as aulas de Educação Artística era despreparado para o trabalho com a música e por esse motivo enfatizava mais a área das artes plásticas (ARAÚJO, 2002). A bem da verdade, a existência de um sistema político de exceção e ditatorial que não via com bons olhos as artes coletivas, que normalmente geram afinidades e formação de grupos, preferindo linguagens individuais, como é o caso das artes plásticas.

Abandonado e ignorado pela legislação o ensino da Música foi cada vez mais negligenciado e a maioria dos cidadãos brasileiros, por não possuírem os conhecimentos que deveriam ser adquiridos em sala de aula, tornou-se vítima e acabou sendo massa de fácil manipulação musical, atuando assim como meros ouvintes, sem consciência musical crítica. Sentia-se incapaz de ouvir músicas que exigem um mínimo de conhecimento da simbologia da linguagem musical.

Novamente, após quase trinta anos de total abandono por parte dos gestores da Educação Pública, o ensino da Música voltou a ser discutido. O Projeto de Lei do Senado nº 330 de 2006, que originou à Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008, que alterou o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394 de 1996) tornou obrigatório o ensino da Música nas Escolas de Ensino Básico e de Ensino Médio (GONÇALVES, 2009).

## 2 A EDUCAÇÃO MUSICAL E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

### 2.1 A Construção da Cidadania

Muito se tem falado, principalmente nas últimas duas décadas em Educação Musical. Autores diversos têm se dedicado à conceituação da expressão. Arroyo (2002, p.18-19) diz que “[...] o termo „Educação Musical’ abrange muito mais do que a iniciação musical formal”. Para ela, a educação musical abrange toda a introdução ao estudo formal da música e todo o processo acadêmico que o segue, incluindo a graduação e pós-graduação; é Educação musical o ensino e aprendizagem instrumental e outros focos; é Educação musical o ensino e aprendizagem informal de música. Desse modo, abrange todas as situações que envolvem ensino/aprendizagem de Música, seja no âmbito dos sistemas escolares e acadêmicos, seja fora deles (ARROYO, 2002).

Quando iniciamos a construção pedagógica da Escola de Música José Bandeiras, tivemos a preocupação de estabelecer que tipo de Educação Musical iríamos ofertar aos alunos. Evidente que, para estabelecermos e até mesmo vislumbrarmos um aprendizado condizente com as ideias de Arroyo (que foi uma de nossas inspirações no modelo a ser implantado), sabíamos, de antemão, que enfrentaríamos algumas dificuldades. Dificuldades que iriam desde a carência de material didático, instrumentos musicais, visto que o município de Itapecuru é formado por uma sociedade que não dispõe de muitos recursos para investir em atividades que não sejam a própria manutenção da vida (moradia, alimentação, vestuário etc.) e até mesmo profissionais que pudessem atuar como professores/instrutores. Temíamos que nosso projeto pudesse fracassar, pois dificilmente as famílias poderiam comprar instrumentos musicais que, para eles, são considerados caros.

Tudo ganha forma, a partir da ajuda de três amigos (*Jeçuir Viana Silva, Antônio Carlos Araújo e César Sardinha*). A participação desses três cidadãos foi de crucial importância. O entusiasmo de César Sardinha foi contagiando todo mundo e ele desempenhou um papel muito importante para que o sonho se tornasse realidade.

Apesar de todo o empenho para a construção da Escola de Música, uma pergunta pairava em minha mente. Por que estou a fazer isto? A resposta foi dada

por Peter Berger (1985) no seu trabalho „O Dossel Sagrado‘, no qual explica que o homem é o único animal que precisa criar um mundo para existir, pois, apenas o mundo biológico o deixa incompleto.

A cultura consiste na totalidade dos produtos do homem. Alguns destes são materiais, outros não. O homem produz instrumentos de toda espécie, e por meio deles modifica o seu ambiente físico e verga a natureza à sua vontade. O homem produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dela, um imponente edifício de símbolos que permeiam todos os aspectos de sua vida. Há boas razões para pensar que a produção de uma cultura não material foi sempre de par com a atividade do homem de modificar fisicamente o seu ambiente [...] em outras palavras, o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente – ele se produz a si mesmo num mundo. (BERGER, 1985, p. 19).

Esse entendimento dado por Berger foi de extrema importância para que eu mantivesse meu entusiasmo e conseguisse contagiar os outros e ver que, assim como eu, muitos jovens estavam dispostos a construir um mundo em torno da música.

Música parece ser o grande elemento de união entre jovens. Ao lado do amor e da amizade retrata um tema pelo qual, muitos se interessam. Cada um define-se pela sua música e com isto cria também seus limites para com outras maneiras de fazer música. Por outro lado, surge o sentimento de união, amizade, de identidade de que todos estão fazendo música, utilizando a mesma linguagem. (WICKEL, 1988 apud SCHMELING, 2002, p. 4-5).

Apesar de já termos tentado e até mesmo ter experimentado esse sentimento de união que a Música propicia, não imaginávamos que ele se apresentasse tão forte e consistente na Escola de Música José Bandeira a ponto de nos surpreender. “[...] as crianças de uma sociedade cujos membros estão ameaçados de crescente isolamento, na qual emerge o perigo da falta de solidariedade, nesta sociedade a educação musical logo demonstra, em diversos aspectos, efeitos positivos.” (BASTIAN, 2009, p. 14).

Foi esse sentimento de união que nos impulsionou para fundarmos essa Escola de Música, pois estamos certos de estar contribuindo para o desenvolvimento social, favorecendo o compartilhamento de conhecimentos e principalmente de estar fortalecendo o sentimento de identidade e de partilhamento de valores humanizadores em nossa cidade.

A Música, como bem explica Susana Sardo (2010, p.93) é feita no coletivo, e isto faz com que os partícipes se sintam no coletivo e não no individual.

[...] desde sempre a música esteve associada ao ato de partilha. Ela é desempenhada em grupo, com objetivos muito claros de comunicação, e, embora de forma diferenciada, é inteligível para cada um dos elementos do grupo podendo, por isso representar modos de estar, crenças, histórias, fronteiras, ideologias e emoções coletivas que contribuem para a definição identitária dos grupos. Isto é, a música permite que, pelo menos por um momento, um grupo voluntariamente em performance esteja em sintonia, reconhecendo cada um dos seus elementos em si e nos outros a sua presença ao grupo pela eficácia do “dialogo musical”.

A explicação dada por Sardo, de que a Música gera sentimento de união, amizade foi sobejamente observado em nossa Escola, dando-nos a certeza de que estamos no caminho correto. Certos de que estamos criando um mundo, onde essa cultura de união seja a marca principal. Essa certeza foi alicerçada por Casassus (1995, p. 23) que diz: “A cultura é o bem maior de um povo. É ela que dá o sentido de unidade a uma nação.” Hoje, o conceito de nação não se restringe apenas ao espaço físico partilhado, mas principalmente às ideias e sentimento comungados. Essas ideias e sentimentos de pertencimento sempre foram alvos dos conquistadores, que tentavam destruir a cultura dos vencidos, apagando seus símbolos e signos (CASASSUS, 1995). Sendo a cultura composta de uma série de linguagem simbólicas, é de extrema necessidade que o povo conheça os símbolos para melhor poder usufruir da produção de seus fazedores de arte. Assim, ao propiciar um espaço que ofereça aos jovens, crianças e adultos a possibilidade de manifestação destes sentimentos de união, de amizade e de pertencimento temos a certeza de estar contribuindo para o fortalecimento da cultura do nosso município e do bem-estar de nossa comunidade.

No que tange à Educação, nosso país vem passando por crises sem precedentes! Entendemos que a Educação transita pela Escola, mas passa também principalmente pela família, pela comunidade. Mesmo que alguns projetos visem incluir a Música como matéria obrigatória na grade curricular do Ensino Fundamental e Médio, o que vemos é que a música tem sido negligenciada na maioria das regiões, fazendo com que os alunos não compreendam quase nada da linguagem musical. Imagina que o aluno no Ensino Médio deveria aprofundar o conhecimento adquirido no ensino básico, mas como aperfeiçoar o que não existe? Mesmo com todas as ferramentas tecnológicas hoje existentes o ensino da música não tem conseguido avançar nas escolas públicas (PESSOA, 2015).

Assim, a criação da Escola de Música José Bandeira será de grande valia para os jovens estudantes de Itapecuru-mirim, pois tentaremos cumprir um papel que a Escola Pública não vem desempenhando. Não somos pretenciosos a ponto de achar que iremos acabar com o analfabetismo musical existente naquela cidade, mas temos a convicção de que a criação desse espaço oportunizará aos nossos jovens, adolescentes, e até mesmo a adultos, conhecimentos musicais que, se não os transformarem em grandes músicos, arranjadores, professores de Música e compositores, com certeza os transformará em apreciadores da arte musical e de valores humanizadores, pois como comenta o Prof. Dr. Sérgio L. F. Figueiredo (2009, p. 8) “[...] a música é uma atividade insubstituível na vida das pessoas, sendo, portanto, de fundamental importância sua presença na formação escolar.”.

Para corroborar nossa intenção e até mesmo fortalecê-la encontramos nos estudos da Educação Musical muitos exemplos que reafirmam sua importância para o desenvolvimento dos jovens. Como diz Fonterrada (2009, p. 10), “[...] a educação musical, aplicada sistematicamente durante vários anos, produziu efeitos positivos no desenvolvimento infantil e poderia ser usada para se alcançar muitas metas, como socialização, ou o desenvolvimento do intelecto, por exemplo.”.

No entanto, o próprio professor Bastian (2009, p. 16) afirma que “[...] a educação musical deve, antes de mais nada, desenvolver nas crianças a alegria proporcionada pela música”. Com a afirmação de Bastian, me veio à memória certas lembranças, pois nada me pareceu mais lúdico do que participar dos desfiles de 7 setembro tocando um instrumento musical, e tenho certeza de que essa alegria é hoje também manifestada pelos nossos alunos quando em performance.

Essa condição de prazer que a Música proporciona é, desde os primórdios da construção da Humanidade, comprovada. Assim,

Platão unia a música à ginástica para construir um sistema perfeito de educação, sendo a primeira indispensável para a alma e a segunda para o corpo. Para esse filósofo, a Literatura estava incluída na música. Logo, a Música acompanhada das palavras seria uma forma de moldar a alma das crianças, a fim de que se tornassem mais tarde homens equilibrados perfeitamente capazes de governar o Estado. Desta forma o estudo da música e da ginástica além de serem essenciais para uma boa formação, deveriam ser administrado com cautela, pois, o excesso de estudo musical tornaria o homem neurótico ou afeminado, e o excesso da ginástica o transformaria em um homem rude. (PLATÃO, 2007, p. 86-87; 133 apud SANTOS; BORGES, 2010, p. 32).

Hoje, etnomusicólogos, defendem que a Música é um dos mais relevantes instrumentos de identificação de um povo. Sendo assim, a música é uma das referências primordiais da cultura de um povo:

Não esqueçamos de uma coisa: mediante a prática da música, nós fazemos dos jovens “criadores de cultura”. O credo da juventude que participa e compartilha a prática amadora da música soa, livremente, segundo Descartes: Eu crio algo novo, criativo; logo existo. (BASTIAN, 2009, p.16).

Os chineses, em muitos dos seus aforismos, defendem a Educação como a base de permanência de uma nação “Se quiseres prover para um ano, então cultiva arroz. Se quiseres prover para uma década, então planta árvores. Se quiseres prover um século, então educa pessoas.” (BASTIAN, 2009, p. 20). O autor usa o aforismo chinês, mas acrescenta: “Se quiseres prover para um milênio, então educa os jovens para a música.” (BASTIAN, 2009, p. 20).

Esses exemplos nos levaram a acreditar que estamos no caminho certo quanto à criação deste espaço para o estudo de música que estamos oferecendo para o nosso município (Itapecuru-Mirim-MA). Compartilhamos da fala de Bastian (2009, p. 24), quando ele diz:

Lamentamos a perda de períodos de tempo e de espaços livres culturalmente criativos: a marca registrada de nosso tempo não é a falta de oportunidades de participação, mas a rendição, a desistência de um excedente de atrações culturais. Acreditamos fielmente que atrações culturais contribuem imensamente para que o jovem se sinta inclinado para participar de eventos saudáveis, que possibilitem o convívio social onde eles pratiquem gestos carinhosos, pratiquem a caridade, compartilhamento de aprendizado e, acima de tudo, tornarem-se seres mais humanizados.

Pois, como disse Karl Kraus (apud BASTIAN, 2009, p. 26) “Quando o sol da cultura está baixo, também os anões lançam longas sombras”. E, assim, estamos tentando amenizar a falta de espaços para a prática de eventos culturais disponibilizando o espaço da Escola de Música não apenas como um local para se estudar música, mas, também, um local para promovermos palestras, eventos de cunho social, familiar entre outros.

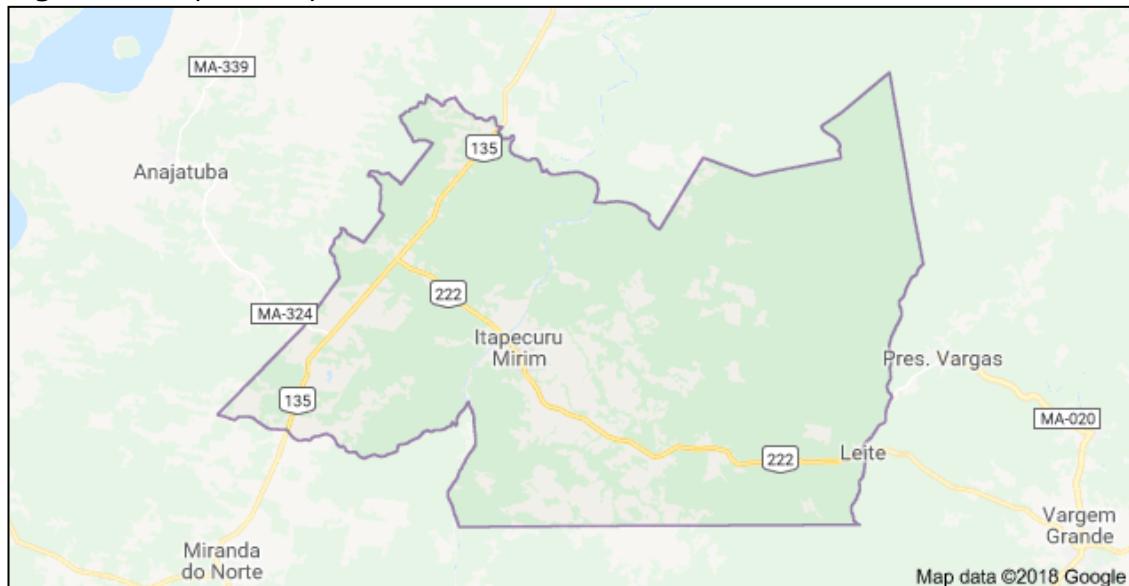
### 3 ITAPECURU-MIRIM

### 3.1 O Campo de Trabalho

Para que se possa compreender onde o trabalho está sendo desenvolvido, traça-se um pequeno resumo da História de Itapecuru-Mirim e suas peculiaridades e o processo de implantação do ensino formal nesse município.

De acordo com o censo demográfico, de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (apud PESSOA, 2015), Itapecuru-Mirim está entre os 217 municípios agregados à Mesorregião Norte Maranhense e à Microrregião do Itapecuru, juntamente com os municípios de Cantanhede, Matões do Norte, Miranda do Norte, Nina Rodrigues, Pirapemas, Presidente Vargas e Vargem Grande.

**Figura 3 – Mapa de Itapecuru-Mirim – MA.**



Fonte: Google Maps (2018).

O município de Itapecuru-Mirim possui como limite ao norte, os municípios de Santa Rita e Presidente Juscelino; à leste, Presidente Vargas e Vargem Grande; ao sul, Cantanhede e Matões do Norte; e, à oeste, Anajatuba e Miranda do Norte.

Segundo Pessoa (2015), Itapecuru-Mirim faz parte da Planície Fluvial que corresponde ao curso médio dos rios Mearim, Pindaré, Munin, Grajaú e Itapecuru.

A primeira referência histórica sobre Itapecuru-Mirim, de que se tem registro, data de 1648. Benedito Buzar (2013 apud PESSOA, 2015), faz referência à

consulta do Conselho Ultramarino ao Rei D. João IV acerca de uma possível mudança da sede do Governo do Maranhão da Vila de São Luís para a Vila de Itapecuru-Mirim.

### **3.2 Elevação a Cidade e Território**

Em 25 de agosto de 1768, el-Rei D. José fez saber ao governador do Maranhão que os moradores da Ribeira do Itapecuru lhe pediam, em 12 de setembro do ano anterior, um alvará de confirmação da Vila, que ali fundou, por ordem régia, o desembargador Manoel Sarmento, e das datas de terras e privilégios concedidos na mesma ocasião, e por isso ordenava que, ouvindo o parecer do procurador da fazenda e do ouvidor, por escrito lhe enviasse a ordem que houve por tal solicitação (CARDOSO, 2001).

Em 6 de agosto do ano seguinte respondeu o governador Joaquim de Mello e Póvoas, que da resposta do ouvidor se vê que nunca houve ordem de sua majestade para se criar aquela vila, mas que era útil essa criação por ser a ribeira mui bem povoada e com bons homens capazes de ocupar os cargos. (CARDOSO, 2001, p. 251).

Pela provisão régia de 27 de novembro de 1817 D. João fez saber ao ouvidor da comarca do Maranhão, que sendo obrigado José Gonçalves da Silva, fidalgo da Casa Real, pela mercê que lhe fez, a fundar, à sua custa, uma vila em terras que possuía nessa capitania, e entendendo que ele e os moradores do Itapecuru lhe representaram, havia por bem, “sem embargo de não possuir ele terreno próprio nesse lugar, consentir que ali verificasse a vila que devia fundar, comprando ou aceitando as terras necessárias, que lhe oferecessem os moradores.” (CARDOSO, 2001, p. 251). Deste modo criou-se o município do mesmo nome com extensão territorial de 2.612,50Km<sup>2</sup>.

Com a criação do município de Cantanhede, pela lei 757/1952, Itapecuru-Mirim perdeu cerca de 1.460Km<sup>2</sup>, apresentando uma extensão nova territorial de 1.152,50Km<sup>2</sup> (PESSOA, 2015, p. 79-80). D. João “[...] ordenou que, depois de estarem ali 30 casais brancos e, prontas as casas das câmaras, cadeias e mais oficinas e outras despesas, fosse lá fundada a vila [...].” (CARDOSO, 2001, p. 251).

Do termo de obrigação assinado por seu procurador Antônio Gonçalves Machado, em 30 de outubro de 1818, colhe-se que por si e seus herdeiros se obrigava a cumprir todas as condições a respeito da casa da câmara, cadeia e mais oficinas, assim como a estabelecer os trinta casais de habitantes determinada por aquela provisão régia (CARDOSO, 2001). A Vila foi elevada à categoria de cidade com a denominação de Itapecuru-Mirim, pela lei provincial nº 919, de 21 de julho de 1870 (IBGE, [2018]).

### **3.3 Etimologia da palavra Itapecuru-Mirim**

A origem da palavra Itapecuru-Mirim é Tupy Guarany. Frei Francisco dos Prazeres Maranhão (apud PESSOA, 2015, p. 80), na sua Coleção Etimologia Brasileira, diz que: “Itapycuru ou Itapecuru vem de „ita”, pedra, pucuru, púcaro. Mirim”, pequeno”. Afirmando ainda que „, Itapecuru” significa púcaro de pedra. „Itapecuru-Mirim”, púcaro de pedras pequenas”.

No entendimento do Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães (apud PESSOA, 2015), a grafia correta é Itapecuru e que é o modo etimológico, único de grafá-la. A palavra compondo-se da seguinte forma: “Ita”, pedra, “pe”, caminho, via, “curu”, curatem, cura, muita influência. “Mirim”, pequeno. Com a nova análise fica: Itapecuru-Mirim, caminho pequeno ou estreito de muitas pedras, ou inçado pequeno de muitas pedras. Os Franceses, por exemplo, chamavam em seus escritos, ora Itapecuru, ora Maranhão ou rio Itapecuru. Atualmente fazemos referência a Caminho de pedras miúdas para designar Itapecuru-Mirim.

Aos habitantes da terra dá-se a designação gentílica de Itapecuruenses. Dentre os filhos ilustre da terra destacam-se: José Cândido Morais e Silva, jornalista e professor; polemista temido. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis, bacharel em direito por Olinda, professor, jornalista, economista e parlamentar. João Duarte Lisboa Serra, bacharel pela Universidade de Coimbra, em ciências naturais, filosóficas e em ciências da matemática, orador, poeta, financista e parlamentar. Pedro Nunes Leal, bacharel em Direito por Coimbra, professor, jornalista e compendiógrafo. Joaquim Gomes de Sousa, professor, matemático de fama mundial, astrônomo, pensador, poliglota, parlamentar, doutor em ciências da matemática, física pelo Rio de Janeiro e em ciências médicas por Paris. José de

Ribamar Fiquene, Governador do Maranhão. Benedito Buzar, da Academia Maranhense de Letras, jornalista e historiador. Coelho Neto, jornalista locutor televisivo e político (CARDOSO, 2001).

O município já foi primitivamente coberto por uma Floresta Estacional Perenifólia com babaçuais. Hoje apresenta um clima tropical úmido, mais ameno nos meses de abril a junho, com temperatura variando de 26º C a 36º C (PESSOA, 2015).

O município é banhado pelo rio Itapecuru, o mais extenso do Estado, que nasce na divisória dos municípios de Grajaú e São Raimundo das Mangabeiras, região conhecida como Serra da Croeira, desaguando no golfão maranhense. Esse rio é de crucial importância, não só para Itapecuru, mas para boa parte do Estado, pois as suas águas abastecem o sistema Italuís que fornece água para grande parte do município de São Luís.

No que tange a sua população, estima-se que tenha sido formada a partir de miscigenação de índios tapuias, índios barbados, que, segundo os historiadores, seriam descendentes de alguns holandeses que se emprenharam nas matas da região e viveram com índios gerando índios com barbas, colonos portugueses e negros. Por volta do ano de 1915, chegaram à região os sírios, os libaneses e árabes, sendo seguidos por descendentes de japoneses. Por último, a região recebeu gaúchos, paraibanos, cearenses, baianos e paraenses (PESSOA, 2015).

### **3.4 As quebradeiras de coco babaçu**

Com o advento da rede mundial de comunicação virtual (a Internet) o mundo ficou conhecendo de forma mais evidente as „quebradeiras de cocos“ (Imagen 1) “[...] „as mulheres das palmeiras“, que tiram do fruto do babaçu o sustento de suas famílias, com a confecção de sabonetes que são muito apreciados por sua excelente qualidade.” (PESSOA, 2015, p. 42).

**Imagen 1 –** Mulheres quebradeiras de coco.



Fonte: Memórias do Maranhão (2013 apud ROCHA, 2016).

### 3.5 Itapecuru-Mirim, Cosme Bento e a Balaiada

Um acontecimento que marcou a história do Maranhão, e até mesmo do Brasil, teve palco na região de Itapecuru. Refiro-me à Balaiada, insurreição popular acontecida entre 1838 e 1841, com a participação ativa dos quilombolas e considerada pelos historiadores como um dos maiores conflitos ocorridos no Brasil.

Trata-se de movimentos de agitação social que decorreram entre 1838-1841, de cunho popular, e que foram sufocados com violência, com a união das forças militares do poder central e do poder regional. Os líderes rebeldes, o vaqueiro Raimundo Gomes e o balaio Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, ambos mestiços, ora identificados como cafuzos, ora mamelucos, ora pardos, e homens livres e pobres do interior, assim como Cosme Bento das Chagas, conhecido como o negro Cosme, reagiram a um mundo de excluídos, tocados pela injustiça e desmandos de poderes locais discricionários. A Balaiada teve dois tipos de protagonistas, os mestiços livres que, talvez, se viam como brancos, embora excluídos; e a dos negros, cativos e violentados por um regime reconhecidamente perverso para eles. A insurreição vencida deixou no imaginário popular um sentido de rebeldia, que ousou se contrapor a um mundo que almejava a ordem a qualquer custo, com o silêncio de homens e mulheres estorvados do Contrato Social. (PADILHA, 2018, p. 30).

Como reconhece Padilha (2018), o movimento ocorreu por conta da rebeldia de homens que se sentiam excluídos do Contrato Social. Muito se tem escrito sobre esse conflito, às vezes de forma romântica, sem ir ao cerne da questão, como bem pontuou Padilha.

A Luta, antes de ser uma mera disputa política partidária, que foi apenas o pano de fundo, se deu em consequência da forma violenta como era tratado o povo negro no Maranhão. Nada intimida mais um escravo do que a ameaça de o embarcar para o Maranhão ou o Pará" (CALDEIRA, 1991 apud PADILHA, 2018). Evidente que cada um dos grupos queria ter maior participação nas decisões políticas do Estado. Sentindo-se desprestigiados pelo poder central, os bem-te-vis desencadearam violenta oposição ao Presidente da Província (ASSUNÇÃO, 1988).

O presidente da Província, em uma tentativa de garantir seu poder, iniciou o recrutamento forçado de homens para fortalecer seu esquadrão. Essa atitude gerou descontentamento, a ponto de, em dezembro de 1838, o vaqueiro Raimundo Gomes e nove parceiros seus invadirem a prisão da Vila da Manga (hoje cidade de Nina Rodrigues) e libertarem vários homens que se encontravam detidos para o alistamento, dando início à perseguição do poder central contra eles - o governante de Itapecuru-Mirim, Joaquim José Gonçalves, reagiu e acompanhado de 40 homens partiu para enfrentar - "os novos bandoleiros" (PESSOA, 2015).

Esse não foi o único ataque à prisão, pois, um mês antes, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, conhecido como Balaio, já havia libertado seu filho, igualmente detido para servir às mesmas tropas.

Esse conflito gerou consequências desastrosas para a região, pois, com o envolvimento dos quilombolas não houve mão de obra e a agricultura foi praticamente extinta por um bom tempo, perdendo, assim, o Maranhão a sua condição de fornecedor de produtos agrícolas para a Metrópole, principalmente o algodão, arroz etc.

### **3.6 O início do Processo Educativo em Itapecuru-Mirim**

No final do século XIX e início do século XX, o ensino ou o processo de alfabetização e conhecimento dos aspectos do mundo visível aconteceram quase que da mesma forma em vários lugares e em Itapecuru não foi diferente. Alguma professora leiga, que sabia ler e escrever, abria sua casa para aqueles que queriam

aprender. Por conta dessa generosidade, recebia algum pagamento dos pais dos alunos da Freguesia e o espaço ficou conhecido como “Escola de Freguesia”, por que funcionavam nas casas das famílias. Em Itapecuru, há registro de que a primeira Escola de Freguesia funcionou na casa do Senhor “Zuza”.

A segunda Escola de Freguesia de Itapecuru-Mirim foi instalada na casa da família Nogueira (Imagen 2), na Praça da Cruz, em um terreno de propriedade da referida família. Teve como professor o Sr. José Carlos Bezerra. Depois, vieram as primeiras professoras. Foram D. Zulmira Fonseca e D. Maria de Lourdes Cassas que também atendiam em suas casas. Com o aumento do número de alunos, uma parte da escola passou a funcionar na casa de D. Áurea Helena Nogueira, na Av. Gomes de Sousa (hoje subdividido em prédio comercial e residencial), enquanto a outra parte da escola continuava a funcionar na casa da professora Maria de Lourdes Cassas, mãe de Graciete Cassas, na rua da Boiada, hoje, Senador Benedito Leite, pois, era uma residência mais espaçosa e ventilada. Observa-se que não havia sido construído nenhum prédio próprio para funcionamento das Escolas.

**Imagen 2 –** Casa da Família Nogueira.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

A primeira escola a funcionar em Itapecuru, com a concepção formal do ensino, foi o Colégio Magalhães de Almeida, que teve como diretora a professora Luiza Mata de Oliveira. Em 1930, o Promotor Público, José Mendes Salazar, fundou o Colégio Gonçalves Dias (BUZAR, 2014). Logo em seguida, foi lançado o Colégio Rio Branco, uma escola de ensino primário, dirigido pelo professor Newton de Carvalho Neves, que em 1936 passou a direção para o professor João da Silva Rodrigues. Newton de Carvalho Neves, sentindo necessidade de ampliar seus horizontes, mudou-se para São Luís para continuar os seus estudos. Manfredo Viana fundou a Escola Santo Expedito, que segundo Benedito Buzar (apud PESSOA, 2015, p. 81), “[...] foi a melhor escola de alfabetização naquela época.”.

Outras escolas particulares surgiram e foram dirigidas pelos professores Severo Castelo Branco, Thiago Ribeiro, Mariana Luz, Almerinda Araújo. Em 1946, a prefeitura de Itapecuru-Mirim passou a ser a responsável pelo Ensino Primário.

O Inspetor de Ensino do Estado do Maranhão sempre visitava as escolas de Itapecuru-Mirim. Devido ao aumento populacional as escolas cresceram e passaram a se chamar “Escolas Grupadas”. Em 1956, pela Lei Nº 216, a Escola Grupada foi transformada em Grupo Municipal. Foi também criada a Escola Grupada “Dr. Getúlio Vargas” e foram instituídas as cadeiras do 4º e 5º Ano de Ensino Primário. “A Lei nº 185 de 28 de março de 1987 criou o ensino médio da Escola Regional Gomes de Sousa. Mais tarde, seriam intituladas por “Grupo Escolar Gomes de Sousa”, em homenagem ao seu filho mais ilustre – o „Sousinha”.” (PESSOA, 2015, p. 82-83).

## 4 A ESCOLA DE MÚSICA JOSÉ BANDEIRA DE OLIVEIRASOBRINHO

### 4.1 O Processo de Criação da Escola de Música

Lembro-me de que Jeçuír sempre me alertava de que eu deveria iniciar as aulas de Música. Apesar de ter o entendimento de que realmente estava na hora de iniciar o trabalho, eu sempre lhe dizia que gostaria muito, mas nós sabíamos o quanto seria difícil iniciar as aulas de música sem instrumentos e sem um espaço adequado. Instrumentos musicais não são baratos e o aluguel de um local onde pudesse funcionar a escola era muito caro. Ele contra argumentava que os pais dos alunos poderiam ajudar. Depois de algum tempo, percebi que ele tinha razão.

Um dia, passeando pela cidade, encontrei-me com Antônio Carlos Araújo e César Sardinha, que conversavam em uma esquina da rua Gonçalves Dias. Parei para cumprimentá-los e, antes mesmo que pudesse dizer alguma coisa, César antecipou-se e me perguntou: - “Quando começarão as aulas de Música? Tenho interesse em colocar meus filhos para estudar”. Após respirar profundamente, e lhe preparar uma resposta plausível, lhe disse: Infelizmente não tenho como iniciar as aulas, pois acho muito difícil conseguir um local para abrigarmos os alunos e iniciar as aulas de música. Sorrindo, ele me disse que se o problema era esse, estava tudo resolvido e que poderíamos começar as aulas imediatamente. “– Eu consigo o prédio do Instituto Leonel”.

Satisfeito com a sua iniciativa, mostrei-lhe que para uma escola de música funcionar, não bastaria somente um prédio; teríamos que possuir também os instrumentos. Ele, como uma espécie de advogado do Diabo, mais uma vez me surpreendeu: “– Eu compro os instrumentos dos meus filhos”. Deixou-me sem condições de argumentar. Antônio Carlos, que a tudo ouvia em silêncio, deu um pequeno sorriso e disse “– Nós te ajudaremos”. A partir desse momento, muitas coisas aconteceram e são sobre essas coisas, sobre as mudanças sociais, educacionais, emocionais que elas geraram em um sem números de crianças e nós mesmos, que passo a relatar.

Entusiasmado com o incentivo recebido dos meus amigos Antônio Carlos, Jeçuír e César Sardinha, comecei a elaborar o projeto de criação da Escola de Música (que inicialmente foi denominada de NOVA ESCOLA DE MÚSICA). Após algum tempo, já com o projeto pronto, divulguei nas emissoras de rádio da cidade de

Itapecuru-Mirim, e entre os amigos, que iria acontecer uma Reunião para a apresentação do projeto (fotografia 4), no dia 23 de fevereiro de 2013, às 19h, quando, na ocasião, eu apresentaria o projeto de criação da Nova Escola de Música. Assim foi feito. A reunião aconteceu e apresentei o projeto.

Como podem observar, a Escola de Música José Bandeira não teve seu processo de criação por meio “tradicional” aquele em que primeiro se pensa para depois colocar em prática: na verdade, vários fatos aconteceram durante um período que acabaram ensejando-nos a criação dessa instituição musical.

Quando eu chegava a Itapecuru, dirigia-me à Escola de Música Joaquim Araújo (Escola do Município) para estudar meu instrumento (trombone). Apesar de minha disposição, por várias vezes, não conseguia fazê-lo, pois muitos alunos vinham perguntar-me sobre vários assuntos tanto teóricos como práticos. Quando dei por mim, tínhamos uma turma formada e, já estávamos organizando-nos para as aulas, sem pensar em planejar nada. Assim, iniciamos nossos estudos e os próprios alunos começaram a convidar outros alunos e alguns músicos da cidade para participarem. E, com isso, recebi o convite do Coordenador da Escola de Música Joaquim Araújo para ministrar aulas na Escola. Depois de uma conversa com ele, aceitei o convite e abrimos matrícula para a formação de novas turmas.

Após três meses, fizemos uma pequena apresentação para o Coordenador da Escola de Música, Sr. Joaquim Araújo e o Secretário de Cultura, na esperança de conseguirmos melhorias para a Escola. Contudo, foi inútil. Como de costume, os políticos acham bonito e nada mais, além disso. Após nossa apresentação por diversas vezes conversei com o secretário “cobrando” as melhorias e nada acontecia. Passado o tempo, deixei de procurar o secretário e tentei falar com o prefeito, que infelizmente, não se dignou me ouvir como deveria. Com as eleições, mudou a direção da Escola e, consequentemente, não tivemos condições de continuar. Isso foi muito decepcionante para os alunos. Como não foi possível continuar na Escola de Música Joaquim Araújo, a solução que eu encontrei foi continuar as aulas em minha casa, (que perdurou por mais ou menos 3 meses). Infelizmente não tivemos mais condição de continuar as aulas em minha casa e tivemos de parar por um tempo de aproximadamente um ano.

Após todo esse tempo parado, em um venturoso dia, encontrei meus amigos César Sardinha, Jeçuír Viana e Antônio Carlos. Desse encontro, a Escola de Música José Bandeira começou a tomar forma e estrutura para sair do imaginário

para a realidade.

O nome da Escola de Música de Itapecuru-mirim é reconhecimento, por parte dos que fazem música nessa cidade, ao Sr. José Bandeira de Oliveira Sobrinho por sua contribuição para a arte musical. Mesmo que não seja tão usual homenagear pessoas vivas, penso que, como ele não é político nem usará essa homenagem para auferir quaisquer outros benefícios, decidimos lhe prestar uma homenagem ainda em vida.

**Imagen 3 – Apresentação em Homenagem ao Sr. José Bandeira.**



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

José Bandeira de Oliveira Sobrinho em primeiro plano na imagem (Imagen 3) (boné azul, camisa listrada, calça jeans e sandália de couro), à esquerda, nasceu no dia 11 de agosto de 1929, na cidade de Pirapemas-MA, no entanto, em 1957 escolheu a cidade de Itapecuru-Mirim-MA para residir. Em Pirapemas, foi aluno do Professor Nélio Nascimento e, em Itapecuru, estudou com Joaquim Araújo. José Bandeira tocava sax-alto, sax-tenor, clarinete e trompete. Foram seus contemporâneos nessa arte os músicos Dico Nogueira (barbeiro), Lazim (Lázaro), Mistó, Senhor do Costa, Mundico Cardoso, Mestre Cláudio entre outros.

## **4.2 A relação Escola/Comunidade**

Dois anos após as primeiras aulas da Escola de Música José Bandeira, percebemos, em nossas primeiras apresentações, certo olhar de “espanto” dos Itapecuruenses que imaginavam que a Orquestra formada na Escola seria de uma outra cidade, tamanha a surpresa causada. Demonstravam, ao mesmo tempo, uma certa alegria, quando informados de que a Orquestra era do nosso município e que a cultura musical (instrumental) continuava de pé. A Orquestra passou a proporcionar mais uma opção de lazer para as pessoas. Nos eventos em que a Orquestra se apresentava, trazia uma performance “diferente” de se fazer música, sem que isso fosse novidade, pois em Itapecuru-Mirim, outrora, já houve muitas orquestras de sopro. Assim, com estas apresentações, estamos resgatando um pouco de nossa História.

## **4.3 Atividades desenvolvidas**

Com o reconhecimento de que Itapecuru-Mirim tinha uma Orquestra, passamos a ser convidados para participar de vários eventos, destaque para apresentações em lançamento de livros, no projeto Faça Bonito, nos encontros de professores, no Fórum de Itapecuru, nas Escolas Municipais, estaduais, particulares e em outros eventos (Ver Fotografias 5 e 6, Apêndice A). Não resta dúvida de que a Escola de Música José Bandeira vem contribuindo para que a cidade disponha de novos produtos culturais, disseminando a música instrumental interpretada por crianças e jovens de nossa cidade, mostrando, por onde passa, que a música instrumental pode ser acessível a todos (embora com algumas dificuldades para alguns).

Estamos desenvolvendo atividades nas escolas públicas e privadas com o objetivo de divulgar o trabalho e, ao mesmo tempo, convidar às crianças e jovens para conhecerem a Escola de Música e dedicarem-se a estudar um instrumento musical e, quem sabe, no futuro participar da Orquestra. E com as apresentações nas Escolas, conseguimos aumentar o número de alunos e, em consequência, a entrada de vários deles na orquestra, tal qual tínhamos imaginado.

#### 4.4 Ajudando o desenvolvimento da música em Itapecuru

Com a criação de mais uma Escola de Música no município, disponibilizamos, assim, mais um espaço para que as crianças e jovens pratiquem o estudo da música, e oportunizamos que mais pessoas adquiriram conhecimento musical, cultura musical e possibilidades para buscar outras vivências por meio de leituras e da audição de músicas (*instrumental, óperas etc.*) que não são normalmente executadas em meios de comunicação de massa em nosso município.

Por meio da Escola de Música foi possível abrir um leque cultural para pessoas que, dificilmente, frequentariam um teatro, uma sala de concerto etc. Exemplo disso foi a visita de 50 pessoas (*entre alunos e pais*) para apreciação da apresentação da Academia Jovem Concertante (Imagen 4) ao Teatro Arthur Azevedo na capital São Luís/MA. Vale ressaltar que, em sua maioria, 90% estavam frequentando um teatro e ouvindo uma Orquestra pela primeira vez. – Imaginem a felicidade estampada em cada rosto nesse dia!

**Imagen 4** – Com integrantes da Orquestra Jovens Concertantes, Itapecuru-Mirim.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

## 4.5 Metodologia e Pedagogia aplicada na Escola

Como em toda Escola de Música formal são estabelecidas uma metodologia e uma pedagogia a ser aplicadas no processo de aprendizado, na Escola de Música José Bandeira, apesar de não ser uma escola formal (regular), não seria diferente. Estabelecemos alguns métodos a serem seguidos durante o aprendizado instrumental:

1) Apostilas e livros de teoria musical:

- a) Apostila de Educação musical, 1<sup>a</sup> Série do Ensino médio. Elaboração da Prof<sup>a</sup>. Mônica Leme. Colaboração na pesquisa e textos: Prof. Affonso Celso de Miranda Neto. Revisão de textos: Prof<sup>a</sup>. Isabel C. Borges de Medeiros. Edição Final: Prof<sup>a</sup>. Mônica Repsold;
- b) Teoria da Música, Bohumil Med, 4<sup>a</sup> Edição Revisada e Ampliada;
- c) Princípios Básicos da Música para A Juventude, Maria Luiza de Mattos Priolli. 1<sup>o</sup> volume, 48 ed. Revista e Atualizada 2006.

2) Métodos para instrumentos:

- a) Curso Básico de Cavaquinho, Marcos Dupá, 2008;
- b) Escola Moderna de Cavaquinho, Henrique Cazes;
- c) Iniciação ao Cavaquinho, Método rápido e fácil, Ariovaldo de Mattos;
- d) Método Básico para Clarinete, Prof. Me. Costa Holanda e Jardilino Maciel;
- e) Livro de Exercícios para Clarinete e Sax Tenor (si bemol), Sax Alto (mi bemol) e Flauta, Fred Dantas;
- f) Tabela completa de digitação do Clarinete, Prof. Edu;
- g) Clarinet Method Studies, for the beginning student, Book one, by Jack Snavely;
- h) Clarinet Summer Practice Packet, 2012-2013, Yhs Band, Ms. Kluga;
- i) Flauta Doce, Wharlley Martins;
- j) Flauta Dulce, 1<sup>o</sup> Lecciones y Canciones para Flauta Dulce Soprano, Luis Elizalde;
- k) Método para Tocar La Flauta Dulce Soprano, Helmut Monkemeyer;
- l) Curso de Flauta Doce nível 1, Fenando Paim;

- m) D'Accord Dicionário Teclado, [www.daccord.com.br](http://www.daccord.com.br);
- n) Acordes para Teclado, by Ernandes;
- o) O pequeno pianista, L. Kohler;
- p) Método Completo de Saxofone, Amadeu Russo;
- q) Saxofones Métodos Práticos, Almeida Dias;
- r) Método de Saxofone, César Albino;
- s) Rubank Intermediale Method Saxophone, J. E. Skornecka;
- t) Iniciação ao Violão: princípios básicos e elementares para principiantes, Henrique Pinto;
- u) Curso Progressivo de Violão: nível médio para 2º, 3º e 4º ano, Henrique Pinto;
- v) Diagramas de Acordes para Violão e Guitarra, Bruno Grunig;
- w) Dicionário de Acordes: nível Intermediário, Sindicias Lopes Cavalcante;
- x) Mel Bay Presents A Trumpet Primer For Beginning Instruction, by Bill Bay Elementary Studies For The Trumpet, Herbert L. Clarke;
- y) Método de Pistão, Trombone e Bombardino, Amadeu Russo;
- z) Conhecendo o Trompete, Jorge Nobre;
- aa) Daily Warm-ups For Trumpet, Ken Saul.

Esses são alguns dos métodos adotados para o estudo prático dos instrumentos em nossa Escola de Música. Esses métodos são estudados em sala de aula, e às vezes, ao ar livre, com o auxílio de aulas expositivas, apresentações de vídeos, palestras, e são utilizados, principalmente em estudos individuais e coletivos. Workshops destinados ao coletivo e individual. Grupos como SL TUBONES de São Luís/MA (Imagem 5), Elton Reges (violonista e graduando em música pela UFMA) (Imagem 6) e O Professor Neilan (Imagem 7) (violinista, graduando em música pela UFMA) estiveram em nossa Escola colaborando com a aplicação de princípios técnicos de como desenvolver o aprendizado dos instrumentos.

Temos procurado desenvolver o potencial humano por meio das habilidades cognitivas, motoras e sensoriais e, o fortalecimento dos vínculos familiares e sua integração social.

**Imagen 5 – SL Tubones.**



Fonte: Arquivo Pessoal (2018).

**Imagen 6 – Professor Elton Regis.**



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 7 – Professor Neilan.**



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Logo no início os alunos não utilizam os métodos, pois eles não saberiam ler as notas na partitura. Na primeira aula, eles são orientados de como segurar os instrumentos, a digitação, posição e emissão de algumas notas, como soprar, como retirar e guardar os instrumentos. As aulas teóricas serão desenvolvidas após algumas semanas e começamos a utilizar os métodos, pois os alunos já conseguiriam ler com uma certa clareza as notas na pauta musical.

Quando começamos a utilização dos métodos, os alunos já deverão estar bem adiantados na prática do instrumento, o que ajuda muito na aula, fazendo com que ela não fique monótona. Após essa apresentação, foi marcada a primeira aula que veio a acontecer no dia 2 de março de 2013 – data da fundação da Escola - no prédio do Instituto Leonel Amorim, rua Gonçalves Dias s/n - centro de Itapecuru-Mirim-MA. A partir daquela data, o espaço passou a ser conhecido como a sede da NOVA ESCOLA DE MÚSICA. Naquele memorável dia apareceram o total de 11 alunos. A seguir:

- a) Pedro Isac Santana Silva (teclado) meu filho;
- b) Paulo Gabriel Santana Silva (violão) meu filho;
- c) Luiz Eduardo Correa Azevedo (teclado) filho do César Sardinha;
- d) João Pedro Correa Azevedo (violão) filho do César Sardinha;
- e) Rosana Alves Matos (violão);

- f) João Gabriel Bezerra S. Sales da Silva (violão);
- g) Victor Soares dos Santos (teclado) este aluno já tinha o instrumento;
- h) Henrique Soares Santos (sax alto) este aluno também já tinha o instrumento;
- i) Tayssa Priscilly L. Pereira (flauta-doce);
- j) Ricardo Bezerra Sousa Alves da Silva (violão);
- k) Rafael Bezerra Sousa Alves da Silva (violão).

Poderíamos utilizar duas salas, que eram muito abafadas (na verdade todas as outras também eram) e um pouco escuras. Havia um quadro branco que apresentava uma cor amarronzada, quase sem condições de uso. Quando se conseguia escrever com o pincel, a dificuldade para limpá-lo era grande. As cadeiras de madeira eram muito pesadas (algumas em condições de uso e a maioria, quebrada) e outras de madeira com ferro (também em sua maioria danificadas). Mas era o que tínhamos para começar. E foi assim que começamos.

Como havia prometido, o César comprou um teclado e um violão, eu (*Carlos Magno*) comprei 10 flautas doces, 2 violões e um teclado. De posse desses instrumentos, preparei um aviso comunicando que abriríamos inscrições para uma NOVA ESCOLA DE MÚSICA (sim, nova escola de música, pois ainda não havíamos pensado em um nome definitivo). Após as inscrições, com apenas os instrumentos acima mencionados, foram iniciadas as aulas. Os alunos, para minha surpresa, demonstraram habilidades tanto na capacidade de execução prática quanto na competência de compreensão da linguagem teórica (Imagem 8).

Tendo em vista meus afazeres em São Luís, eu só poderia disponibilizar os sábados e domingos para atuar como professor. Busquei, até para que os alunos não desistissem, dar ênfase às aulas prática, com o uso dos instrumentos, mas sempre deixando clara a importância da teoria para o estudo da Música.

**Imagen 8 – Leitura musical.**



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Com três meses de estudo, os alunos já conseguiam executar algumas canções infantis do repertório de cantigas de roda. Era mui gratificante ver-lhes a alegria, que nos contagiava e impulsionava-nos cada vez mais em busca da manutenção e efetivação do projeto. A exultação deles, quando começamos a tocar (*atirei o pau no gato e a canoa virou*) foi intensa. A notícia foi se espalhando e não demorou muito para que a Escola recebesse uma boa quantidade de pais em busca de vagas para seus filhos, que demonstravam interesse em ingressar na Escola.

Esse interesse fez com que nós ampliássemos cada vez mais as vagas de ingresso de novos alunos. Lembrei-me de quando o meu pai procurou a Escola de Música Joaquim Araújo e que eu nem queria nela ingressar, e hoje vejo-me sendo o professor de Música de inúmeros alunos, que, como eu, estão penetrando em um mundo mágico que a Música propicia.

Em janeiro de 2014, fui procurado por uns representantes do Centro Espírita Amor e Caridade de Itapecuru-Mirim que me apresentaram um projeto de música que eles queriam iniciar naquela casa, mas, como já havia iniciado as aulas da NOVA ESCOLA DE MÚSICA há mais ou menos um ano, disse-lhes que me sentia muito feliz pelo convite, mas não poderia aceitá-lo, pois já estava comprometido com um outro projeto que tinha o mesmo objetivo que o deles. Eles se mostraram interessados em conhecer esse meu projeto. Anuí e os convidei para

conhecer o trabalho desenvolvido na Nova Escola de Música que continuava a funcionar no prédio do *Instituto Leonel Amorim*.

No dia combinado, eles foram ao local e observaram que as condições do espaço eram precárias e que estávamos enfrentando muitas dificuldades para transmitirmos um pouco de conhecimento musical para aquelas crianças (Fotografia 7, Apêndice A).

Diante da situação, eles fizeram uma proposta que seria interessante tanto para nós, quanto para eles, que foi a mudança da Escola para o prédio do Centro Espírita, no entanto, teríamos de atender também aos alunos do Centro Espírita. Surpreendido pela proposta, não lhes respondi de pronto. Mil ideias passaram por minha cabeça, contudo, a principal foi o questionamento que poderia advir dos pais dos alunos. Será que eles iriam querer que seus filhos frequentassem um espaço de uma religião que não fosse a deles? Inquieto, sem saber o que dizer, respondi-lhes que precisava conhecer o local e teria que reunir os pais dos alunos (*essa altura, já tínhamos mais ou menos 25 deles*) para saber se não haveria nenhum problema, pois, tínhamos alunos de várias religiões (*da Igreja Católica, Batista e Assembleia de Deus*) e não poderia prever a reação deles de mudar a escola para uma sede de uma congregação religiosa que não fosse a deles e, portanto, não poderia decidir sozinho.

Fui então visitar o prédio e fiquei deslumbrado pela qualidade que teríamos, caso mudássemos para lá. De imediato, marquei uma reunião com os pais dos alunos para discutir a questão (Imagem 9 e 10). Na reunião, tivemos uma longa e agradável conversa entre os representantes do Centro Espírita Amor e Caridade, os pais dos alunos e eu. Assim que mostramos para os pais dos alunos os pontos positivos da possível mudança, perguntamos a eles: *vocês estão de acordo com a mudança da escola para o prédio oferecido pelo Centro Espírita?* A resposta foi quase que unânime. Apenas um dos pais foi contra a mudança e foi, por conseguinte voto vencido. Disse-lhe que não nos interpretasse mal, mas estávamos decididos a nos mudar para o prédio do Centro Espírita, pois a estrutura física era muito acolhedora, com salas bem mais aconchegantes, com ar- condicionado e uma cozinha onde poderíamos preparar lanches, além dos banheiros que apresentavam um aspecto mais higienizado.

**Imagen 9 – (A)** Reunião dos pais com representantes do Centro Espírita Amor e Caridade e a E. M. José Bandeira.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 10 – (B)** Reunião dos pais com representantes do Centro Espírita Amor e Caridade e a E. M. José Bandeira.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

A partir de então concretizamos a parceria entre a ESCOLA DE MÚSICA, que àquela altura foi denominada JOSÉ BANDEIRA<sup>4</sup>, e o Centro Espírita Amor e

<sup>4</sup> Homenagem ao amigo músico que quando estudava, vi e ouvia tocar chorinho com o professor Carlos aos finais de tarde na Escola de Música Joaquim Araújo – prédio da Casa da Cultura.

Caridade de Itapecuru-Mirim-MA. Mesmo com a mudança para o prédio do Centro Espírita, continuei com as aulas somente aos sábados e domingos, pois de segunda a sexta-feira, continuava trabalhando em São Luís. Com essa parceria, o número de alunos cresceu, pois houve uma divulgação para novas matrículas e, com isto, surgiu a necessidade de termos mais um professor que atuasse durante os dias da semana, os dias que eu não pudesse estar em Itapecuru e, assim, atendermos a demanda que cada vez mais aumentava.

Fiquei pensando e buscando uma pessoa que pudesse integrar-se ao nosso projeto. Lembrei-me de Francisco Chaves, um velho amigo, que poderia ser essa pessoa. No entanto, havia um problema. Ele trabalhava na Escola de Música Joaquim Araújo (administrada pelo município), o que inviabilizou o convite que lhe seria feito. Assim, decidi procurar uma pessoa em São Luís que estivesse disposta a nos ajudar. Por sorte, ou por jogo do destino, quando retornei a Itapecuru no final de semana seguinte, fui informado de que Francisco Chaves havia-se desligado da Escola de Música Joaquim Araújo. Feliz com a notícia, fui procurá-lo para convidá-lo a fazer parte do nosso projeto. Quando cheguei à sua casa, após as conversas introdutórias que ocorrem quando um amigo encontra com outro, tomei a liberdade de lhe perguntar se era verdade que ele não estava mais trabalhando na Escola de Música do Município, e ele me respondeu que estava aguardando uma resposta do coordenador. Mesmo sem saber qual a resposta que o coordenador lhe daria, perguntei-lhe se ele gostaria de trabalhar em nosso projeto caso ele não ficasse na outra Escola de Música, pois eu achava que poderíamos fazer com que nosso projeto crescesse e que mais à frente poderíamos até ter condição de lhe auferir algum recurso financeiro em contrapartida do seu trabalho.

Ele ficou de conversar com sua esposa e dar uma resposta na outra semana. Confesso que fiquei ansioso por sua resposta e desejando que o tempo pudesse ser acelerado para que a semana passasse logo, afim de que tivesse a resposta, que esperava fosse positiva. Parece que quanto mais se quer que o tempo passe, nossa percepção nos indica que ele está passando de forma mais lenta. E, assim, a semana pareceu ter sido esticada e a sensação que tive foi a de que tinha passado um mês (sic). Enfim, chegou o fim de semana e eu prontamente procurei por ele para saber de sua decisão. Senti meu corpo inundado de alegria quando me disse que aceitaria e que eu poderia contar com ele. Com o corpo alegre e o espírito sereno e feliz comecei a imaginar o que resultaria dessa parceria que estava sendo

firmada naquele momento.

Com a confirmação de que Francisco passaria a fazer parte de nosso projeto, partimos para planejar os dias e horários das aulas durante a semana, ficando assim estabelecido: segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e aos sábados, sendo que de segunda-feira a quinta-feira teríamos as aulas práticas e os sábados estariam destinadas às aulas teóricas e ensaios da Orquestra (*enquanto a Orquestra não estava formada, tínhamos somente as aulas teóricas aos sábados*). Os horários foram assim divididos: (MATUTINO – 08:00 às 11:00hs e VESPERTINO – 14:00 às 17:00hs). Sendo que cada turno teria três horários da seguinte maneira (Quadro 1).

**Quadro 1 – Horário das aulas**

<b>MATUTINO</b>	<b>VESPERTINO</b>
08:00 às 08:50hs	14:00 às 14:50hs
09:00 às 09:50hs	15:00 às 15:50hs
10:00 às 10:50hs	16:00 às 16:50hs

Fonte: Autoria própria (2018).

Os horários foram distribuídos de acordo com os instrumentos que tínhamos: violão, teclado e flauta-doce. Depois, recebemos uma doação 12 violinos e após um período mais 14, tornou-se um total de 26 violinos.

Quanto ao violino, temos encontrado muitas dificuldades para conseguir R\$ 1.000,00, valor que o professor cobrou para ministrar as aulas aos sábados nos horários matutino e vespertino. Diante de tantas dificuldades, os instrumentos estão guardados e ainda sem uso. Por muito tempo, temos tentado formar turmas ou turma para o violino, contudo, por incrível que pareça, até hoje não conseguimos a quantidade mínima de alunos 10 (dez) que estipulamos ser suficiente para que formemos essa turma, e também, não temos a ajuda necessária para custear o pagamento do professor de violino.

Passado algum tempo, como tínhamos muitos alunos, principalmente para o violão, pensei em começar a ensaiar as cantigas de roda, que, por serem conhecidas, seriam mais fáceis para os alunos. Fazendo uma pesquisa na Internet

encontrei um projeto só com cantigas de roda. Esse projeto era muito próximo do que eu pensava, e, então, idealizei um projeto com as cantigas de roda que estávamos ensaiando. Percebi o sentimento que permeava a mente dos alunos que queriam tocar em grupo e, principalmente, tocar para o público. Começamos a ensaiar as cantigas de roda. Tão logo os discentes expressam destreza na arte de tocar essas cantigas, partimos para a apresentação pública, como uma forma de incentivar os alunos. A ideia era apresentarmos nas escolas do nosso município tanto particular quanto municipal e estadual, e que, com essas apresentações, os alunos começassem a ter contato com o público e aos pouco, a performance passasse a ser uma coisa natural para eles.

Entrei em contato com a secretaria de Educação do município e apresentei o projeto. A secretaria viu com bons olhos a proposta, aceitou e autorizou as nossas apresentações. Abaixo, podemos observar como os alunos estão atentos à apresentação (Imagens de 11 à 14). (Escolas Roseana Sarney e Abdala Buzar, bairro Malvinas).

**Imagen 11** – Apresentação na Escola U. I. Roseana Sarney, Bairro Malvinas.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 12** – Explicando as brincadeiras na Escola U. I. Roseana Sarney, Bairro Malvinas.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 13** – Fim da apresentação na Escola U. I. Roseana Sarney, Bairro Malvinas.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 14** – Apresentação na Escola U. I. Abdala Buzar, Bairro Malvinas.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

As apresentações foram muito bem aceitas e isto ajudou na divulgação da Escola de Música José Bandeira. Nenhum conhecimento é estanque. Buscando estimular o aprendizado, em 18 de abril de 2014, fizemos uma viagem a São Luís/MA, com a finalidade de levarmos alunos e seus pais para assistirem, pela primeira vez, à apresentação de uma Orquestra (Academia Jovem Concertante) e também conhecer um teatro, no caso, (Teatro Arthur Azevedo – São Luís/MA) (Fotografias 8 e 9, Apêndice A). Participaram cerca de 50 pessoas entre alunos e pais. Muito bom poder observar a alegria dos alunos e pais em participar deste evento e ao mesmo tempo conhecer um dos mais belos teatros do Brasil. Esta viagem foi muito importante para o incentivo dos alunos ao estudo da música, pois podemos, assim, mostrar-lhes como a Música pode oportunizar-nos diferentes relações: conhecer pessoas, locais, cidades, espaços culturais e participar de eventos com repercussão municipal, estadual, federal e até internacional. O objetivo da viagem foi alcançado, pois percebemos que houve um maior interesse por parte dos alunos em ampliar os seus estudos e os seus crescimentos cultural e intelectual, isso tudo, observado pelos pais. Pode parecer que uma simples viagem como essa não seja um grande acontecimento, entretanto, infelizmente, muitos desses pais e alunos talvez não tenham uma outra oportunidade de entrar em um teatro e nem a assistir uma apresentação de uma Orquestra. Ver que nossos sonhos passaram a

ser real nos motiva a trabalhar muito mais para amenizar e possibilitar para nossos jovens a chance de voltar a um teatro e, também, quem sabe, sejam eles os próximos protagonistas.

#### **4.6 Concurso: Cielo, Banco do Brasil e Bradesco**

Em 2014, a Cielo, Banco do Brasil e Bradesco divulgaram em nossa cidade um concurso. O projeto que mais conseguisse votos populares receberia um prêmio de R\$ 10.000,00 que seria revertido em benefício do projeto ganhador. No nosso caso, o prêmio seria para a aquisição de instrumentos. Com uma ponta de esperança, nós inscrevemos o projeto da Escola de Música e, após uma campanha bem orquestrada, tivemos êxito e ele foi o vencedor. Entretanto, um fato curioso aconteceu. O representante da Cielo, sem saber da existência da Escola de Música José Bandeira, procurou o coordenador da escola de Música Joaquim Araújo do Município, que não havia sido inscrita no concurso, para lhe entregar o prêmio. O representante da Escola Joaquim Araújo, mesmo sabedor de que a escola que representava não havia participado do concurso, sabidamente, fez uma lista de instrumentos e foi à loja indicada pelo Cielo e recebeu os instrumentos correspondente ao valor da premiação. Quando ficamos sabendo do ocorrido e da atitude não republicana do representante da Escola Joaquim Araújo, fomos até o representante da Cielo e fizemos uma queixa. Ele nos informou que não tinha conhecimento da existência da Escola de Música José Bandeira e, como só sabia da existência da Escola de Música Joaquim Araújo do Município, imaginou que teria sido ela a ganhadora do prêmio. Perguntamos-lhes como resolver a problema gerado pela falta de informação, afinal a Escola do Município que não havia nem participado do concurso (*feito sua inscrição*), não tendo concorrido poderia ter sido a vencedora e recebido o prêmio? Ele justificou que por não ter conhecimento da existência da Escola, foi induzido ao erro. A solução encontrada foi resgatar os instrumentos que, à altura, estavam na sede da Escola Municipal e entrar em contato com a Cielo e, se fosse comprovado tudo que havia sido colocado, entregaria os instrumentos a quem de direito, ou seja: ao verdadeiro vencedor.

Passado um mês de angustia, o representante da Cielo após comprovar os nossos argumentos, nos entregou os instrumentos. Acho que não cabe aqui mais comentários, pois o que importa é que conseguimos provar que, em Tapecuru,

possuíamos duas Escolas de Música e tinha sido a Escola de Música José Bandeira quem havia sido a vencedora do concurso.

#### 4.6.1 As regras do concurso: Cielo, Banco Bradesco e Banco do Brasil

Para ter direito a votar, a pessoa teria de efetuar uma compra com um cartão de crédito de um dos Bancos (Bradesco ou Brasil) na máquina da Cielo no valor mínimo de R\$ 30,00 e então poderia votar em um dos projetos inscritos. O concurso teve a duração de três meses, finalizado em dezembro de 2014 na praça Gomes de Sousa onde fomos declarados os vencedores.

#### 4.6.2 O recebimento dos instrumentos

Após o recebimento dos instrumentos, demos início a um novo planejamento. Reorganizar os horários, pois, agora, com os novos instrumentos de sopro (Imagem 15) teríamos uma expansão há muito desejada. Atualmente, esses horários estão distribuídos para os seguintes instrumentos: violão, teclado, clarinete, trompete, sax-alto, sax tenor, bateria, trombone, cavaquinho e violino.

**Imagen 15 – Instrumentos de sopro recebidos do concurso Cielo, B. Brasil e B. Bradesco.**



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 16** – Alunos ansiosos para soparem os novos instrumentos.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Quando recebemos os instrumentos, mudamos os alunos da flauta-doce para o sax alto, tenor e clarinetes (Imagen 16). Começamos assim, uma nova fase nas atividades da escola de Música, objetivando o crescimento musical dos alunos e da própria escola. Com a inclusão dos instrumentos de sopro e mais a bateria, demos uma nova formação para a orquestra como veremos mais abaixo.

#### **4.7 A progressão dos alunos**

No final de 2014, convidamos o aluno Júlio César, para nos auxiliar como monitor. Júlio César iria deixar a Escola de Música para trabalhar em lojas ou outro serviço que conseguisse em nossa cidade, pois ele completou 18 anos. Quando o Francisco e eu ficamos sabendo desta realidade, procuramos os membros do Centro Espírita para conversarmos sobre o assunto e ficou decidido que, para que o Júlio César não deixasse de estudar Música, ele tornar-se-ia um monitor e receberia uma ajuda no valor de R\$ 600,00, desde que os seus pais consentissem. Mais uma vez, veio a lembrança do meu percurso, pois se não estudasse Música, o que eu seria hoje? Onde estaria trabalhando?

Em junho de 2015, com o crescimento do número de alunos, convidamos Paulo Gabriel e a Jéssica Carolaine para desempenharem a função de monitor,

(após conversa com seus pais), duas vezes na semana e passassem a receber uma ajuda de R\$ 100,00.

#### **4.8 Da formação da Orquestra**

Após as apresentações ocorridas nas escolas com o repertório das cantigas de roda e atividades (brincadeiras) musicais desenvolvidas durante as apresentações, percebi que já poderíamos começar os ensaios com músicas mais elaboradas para a primeira apresentação da Orquestra e, assim, comecei a escrever algumas peças, mas sempre preocupado em adequar o grau de dificuldade que as elas possuíam com a capacidade dos alunos de executá-las. Não queria colocar no repertório uma peça que eles não pudessem tocar e, com isso, os desestimulassem e gerasse desistência ou algo parecido.

#### **4.9 As apresentações da Orquestra**

Após muitos ensaios e envoltos em ansiedade, marcamos nossa primeira apresentação (Imagens 17 e 18) para o dia 3 de janeiro de 2015. Esse dia foi um ponto de viragem em nosso projeto, pois ficou marcado, em nossas memórias, como o dia em que começamos verdadeiramente a transformar um sonho em realidade. Este dia foi de suma importância para o prosseguimento das atividades da Escola de Música, pois, a partir dessa apresentação, conquistamos mais alunos e espantamos de vez as desconfianças que ainda pairavam sobre o trabalho que estávamos desenvolvendo.

**Imagen 17** – Primeira apresentação da Orquestra no Itapecuru Social Club (Abertura).



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 18** – Primeira apresentação da Orquestra no Itapecuru Social Club (Encerramento).



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Com 5 teclados, 6 flautas-doce e 24 violões, a primeira apresentação foi marcada pelo brilho nos olhos, tanto dos alunos, quanto, principalmente, dos pais, que ao olharem seus filhos no palco preparados para fazerem sua primeira apresentação com a Orquestra demonstravam um sentimento de orgulho pela conquista dos filhos. Por mais que quisesse descrever esse sentimento, as palavras jamais seriam suficiente para descrever tamanho júbilo.

Na apresentação o aluno Antonio Severino de Pádua Neto fez o solo da cantiga (*a canoa virou*) (Partitura 1) acompanhado pelo professor Francisco Chaves (Imagem 19). Logo em seguida, a orquestra foi colocada no palco e apresentou um repertório variado. Mais uma vez, a percepção do tempo foi alterada. Enquanto o tempo aguardado pela resposta de Francisco Chaves durou uma semana, mas que pareceu um mês, desta feita, o tempo pareceu passar muito mais rápido. Logo todos estavam em êxtase. O sentimento do dever cumprido envolveu todos os membros da Escola. Alguns, muito emocionados não contiveram as lágrimas que insistiam em visitar os olhos e esparramarem-se pelos rostos, que apresentavam aspectos de tanta alegria, que fazia gosto de se ver! Em meio a abraços e cumprimentos a noite foi se estendo e entregando o tempo para a madrugada que anuciava um novo dia e um novo tempo para a Escola de Música José Bandeira.

**Partitura 1 – Música „A Canoa Virou”.**

**A CANOA VIROU**  
música de roda

Violão

cópia  
Carlos Magno

14

7

1.

2.

1.

2.

Escola de Música José Bandeira

Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Imagen 19** – Prof. Francisco e o aluno Severino na abertura da primeira apresentação.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Com o sucesso da primeira apresentação, os alunos já perguntavam quando seria a próxima. Claro que, depois de termos cumprido com êxito nossa primeira apresentação, fomos desfrutar um pouco com os alunos e pais de um belíssimo coquetel e só depois é que sentamos para então, marcamos para o dia 9 de maio de 2015 a próxima apresentação que seria em homenagem ao dia das mães. Para esta apresentação preparamos um repertório com músicas que exaltassem o valor das mães e, claro, falasse do nosso amor por elas, ex. *como é grande o meu amor por você* – Roberto Carlos e Erasmo Carlos (Partitura 2). Nesta apresentação, quando as mães entrassem no Itapecuru Social Clube receberiam uma rosa que ao exalar o perfume inerente à sua condição, simbolizava o nosso muito obrigado por todo o amor dedicado a nós.

Essa apresentação teve um visual diferente, pois a Orquestra já dispunha em sua formação dos novos instrumentos: sax-alto, sax-tenor, flauta transversal, clarinete e bateria. Estes instrumentos causaram uma enorme surpresa para os pais que haviam assistido a primeira apresentação, pois na primeira formação tínhamos apenas as flautas-doce, os teclados e os violões. Além da surpresa dos novos instrumentos, a apresentação foi marcada também por depoimentos e declarações de amor de alunos para suas mães.

## **Partitura 2 – Música „Como é Grande o meu amor por você”.**

# Como é Grande o Meu Amor Por Você

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

arr. Carlos Magno

Clarinet in B $\flat$

Escola de Música © José Bandeira

Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Até então, nós não havíamos feito nenhuma apresentação em um espaço aberto (*praça ou outro local assim*). No dia 9 de agosto de 2015 (*dia dos pais*) marcamos nossa primeira apresentação em um espaço aberto e nos apresentamos na praça Gomes de Sousa (Imagen 20). Nesse dia, os músicos da Orquestra, já devidamente paramentados foram apresentados para a sociedade Itapecuruense. A recepção não poderia ter sido melhor. Entre os inúmeros comentários um chamou a atenção: “esta Orquestra é daqui de Itapecuru?” De uma certa maneira nos causou espanto também, pois mesmo mediante uma divulgação prévia algumas pessoas ainda não sabiam da nossa existência.

**Imagen 20** – Apresentação na praça Gomes de Sousa.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Mas independentemente desse fato, cumprimos nossa missão mais uma vez, pois o resultado final foi um grande momento de êxtase tanto para os alunos quanto para a plateia que ali estava.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou dar esclarecimentos referentes ao importante papel dos espaços para a prática da Música em nosso município (Itapecuru- Mirim-MA). Por meio de diversos autores que expressam em suas literaturas a importância da Música e seus benefícios durante a prática de um instrumento ou a participação em eventos que exploram a música como meio de inserção social, nós pudemos comprovar a importância do nosso projeto. Como bem explicitado por Berger (1985, p. 19).

Há boas razões para pensar que a produção de uma cultura não material foi sempre de par com a atividade do homem de modificar fisicamente o seu ambiente [...] em outras palavras, o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente – ele se produz a si mesmo num mundo.

Hoje, temos consciência da importância de haver sido criado um espaço, não só físico, mas um mundo que contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento educacional e cultural de um sem número de pessoas, que, através da Música, encontram sentido para suas vidas, não somente suas vidas pessoais, como suas vidas profissionais.

Cada vez mais me convenço de que temos que nos preocupar com a formação das crianças, não só com o ensino dos conhecimentos em Geografia, Física, Matemática, Química, Ciências, História, Português, mas também com o conhecimento das percepções, das expressões, dos movimentos, que são trabalhados com grande propriedade na música, pois a educação emocional é feita através das artes. Não se pode vislumbrar uma sociedade de paz, se não se semear nos jovens princípios e valores universais de honestidade, responsabilidade, justiça, respeito aos outros, integridade e veracidade, valores que são plenamente encontrados na música, pois, a participação em um grupo musical nos obriga a saber respeitar os outros, compartilhar nossas experiências, e acima de tudo temos que aprender a nos integrar, o que nos faz coletivo e não individuo somente.

Sinto a necessidade de pesquisar mais sobre a importância dos espaços para a prática musical e que as pesquisas sejam publicadas na Internet, livros e outros meios de comunicação para que possamos ter acesso com mais facilidade e outras pessoas tenham mais fontes para entender e valorizar o assunto e os

resultados alcançados.

Buscamos entender a importância e a contribuição deste espaço na socialização de jovens, crianças e adultos para o município, em um momento em que as drogas avançam cada vez mais como alternativa equivocada para uma juventude que não ver o futuro com o olhar da esperança. A Música pôde-lhes mostrar que cada um tem um potencial a ser desenvolvido plenamente.

Por meio deste trabalho, verificou-se que cada espaço que abrimos para o estudo da música, podemos alcançar mais e mais pessoas que dificilmente buscariam conhecimentos nesta área, principalmente pela barreira que ainda temos da maioria dos pais que acha que a Música não pode ser uma profissão. Minha própria experiência e exemplo de vida é um forte instrumento que eu uso para combater essa visão distorcida de que a música não nos possibilita ter uma profissão e um sentimento de satisfação plena.

E por fim, destaco, que é preciso ter disposição e consciência da função da música na vida dos humanos para lutarmos e para que se consiga disponibilizar espaços suficientes que possam abrigar a prática musical em nossos municípios, pois as pessoas procuram e infelizmente não encontram esses espaços.

Com o registro e relato da experiência por mim vivenciado quanto ao protagonismo na formação da Escola de Música José Bandeira, espero ter contribuído para, não somente oferecer aos habitantes do município de Itapecuru-Mirim novos produtos culturais, mas, principalmente, proporcionar aos jovens uma oportunidade de penetrar em um mundo mágico, que é o mundo da Música.

## REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, Sérgio Luís de A. *500 anos de educação musical no Brasil: aspectos históricos*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 12., 2000, Salvador. **Anais...** Salvador: Fundação Luis Eduardo Magalhães, 2000. Disponível em: <[https://antigo.anppom.com.br/anais/anais\\_congresso\\_anppom\\_1999/ANPPOM%2099/CONFEREN/SALVARES.PDF](https://antigo.anppom.com.br/anais/anais_congresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/CONFEREN/SALVARES.PDF)>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- AMATO, Rita de Cássia Fucci. *Breve retrospectiva histórica e desafio do ensino de música na educação básica brasileira*. **Revista Opus**, v. 12, p. 144- 165, 2006.
- ARAÚJO, Rosane Cardoso de. *O ensino da música nas escolas da rede municipal de Curitiba*. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 11., 2002, Natal, RN. **Anais...** Natal: Associação Brasileira de Educação Musical, 2002. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2103142/mod\\_resource/content/0/ABEM\\_2002.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2103142/mod_resource/content/0/ABEM_2002.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- ARROYO, Margarete. *Educação musical na contemporaneidade*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICA DA UFG, 2., 2002, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2002. Disponível em: <<http://www.música.ufg.br/mestrado/anais/anais%20II%20Sempem/artigos/artigo%20Magarete%20Arroyo.pdf>>. Acesso em 10 de Março de 2009.
- ARROYO, Margarete. *Educação Musical: um processo de aculturação ou enculturação?* **Em Pauta, Revista do Curso de Pós-Graduação em Música - UFRGS**, v. 1, n. 2, p .29-43, jun. 1990.
- ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. **A guerra dos Bem-te-vis: a Balaiada na memória oral**. São Luís: SIOGE, 1988.
- BASTIAN, Hans Gunther. **Música na escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BERGER, Peter L.. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de novembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 1961. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/l4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l4024.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- BUZAR, Benedito Bogéia. **O dia a dia da História da Itapecuru-Mirim**. São Luís, 2014
- CARDOSO, Manoel Frazão. **O Maranhão por dentro**. São Luís, MA: Editora Lithograf, 2001.
- CASASSUS, Juan. **Tarefas da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995. (Coleção educação contemporânea).

CAZAVECHIA, William R.; TADA, Elton V. S. *Sócrates e o método maiêutico*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 6., 2006, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, PR: PUCPR, 2006. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-226-TC.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FIGUEIREDO, Sérgio L. F. Apresentação 1. In: BASTIAN, Hans Gunther. **Música na escola**: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança. São Paulo: Paulinas, 2009.

FONTERRADA, Marisa T. de Oliveira. Apresentação 2. In: BASTIAN, Hans Gunther. **Música na escola**: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança. São Paulo: Paulinas, 2009.

GARCIA, Maurício. **Uma breve história da música**. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=blJZAeXI4Fg>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

GONÇALVES, Paula Cristina da Silva. **Uma reflexão histórica e crítica sobre música e educação**: análise do projeto de lei do Senado nº. 11.769, de 18 de agosto de 2008. TCC (Graduação em Pedagogia – Licenciatura) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119315/goncalves\\_pcs\\_tcc\\_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119315/goncalves_pcs_tcc_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 15 abr. 2018.

HISTÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL - HELB. **Fundação de Escolas Jesuítas em São Paulo de Piratininga**. Não paginado. Disponível em: <[http://www.helb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=53:fundacao-de-escolas-jesuitas-em-sao-paulo-de-piratininga](http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=53:fundacao-de-escolas-jesuitas-em-sao-paulo-de-piratininga)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Itapecuru-Mirim**, Maranhão - MA: histórico. [2018]. Não paginado. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/maranhao/itapecurumirim.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GAIGHER, Jobert. **Uma breve história da educação musical**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OjNnPjuasLc>> Vídeo contendo parte da apresentação do e-SOM. Acesso em: 15 abr. 2018.

PADILHA, Antônio Francisco de Sales. **Música dos Povos Antigos**. Parte 1. In: Apostilha para alunos de História da Música. São Luís. Edufma, 2018

PADILHA, Antônio Francisco de Sales. **A Construção Ilusória da Realidade**. São Luís. Edufma, 2016.

PESSOA, Maria da Assenção Lopes. **Itapecuru-Mirim**: sua gente, sua história. São Paulo: Editora Nelpa, 2015.

PILETTI, Nelson. **História do Brasil**. 20. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ROCHA, Jânio. O que tem de turístico em... ITAPECURU-MIRIM. **Blog da Balaiada**, 27 dez. 2016. Não paginado. Disponível em: <<http://blogdabalaiada.blogspot.com/2016/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do; MELO, Clarisse Nascimento de. A educação jesuítica no Brasil colônia. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, n. 61, p.379-389, mar. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534/8093>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do; SILVA, José Carlos. A Educação Jesuítica no Brasil Colônia. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 3., 2004, Teresina, PI. **Anais...** Teresina: UFPI, 2004. Disponível em: <<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT3.PDF>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

SANTOS, Paulo Antonio; BORGES, Mackely Ribeiro. Música, arte ou ciência?. In: SIMPÓSIO SERGIPANO DE PESQUISA E ESNISO EM MÚSICA, 2., 2010, Sergipe. **Anais eletrônicos...** Sergipe: NMU-UFS, 2010. p. 27-34. Disponível em: <<https://bit.ly/2JyZic2>>. Acesso em: 15 maio 2018.

SARDO, Susana. **Guerra de Jasmin e Mogarim**: música, identidade e emoções em Goa. Alfragide: Texto Editores, 2010.

SCHMELING, Agnes. Cantar e conviver: uma experiência com um grupo coral de adolescentes. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 11., 2002, Natal, RN. **Anais...** Natal: Associação Brasileira de Educação Musical, 2002. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2103142/mod\\_resource/content/0/ABEM\\_2002.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2103142/mod_resource/content/0/ABEM_2002.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a11.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

SILVA, Paula Figueiredo da. **Uma história do piano em São Luís do Maranhão**. 2013. 188 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

TEIXEIRA, Francisco M. P. **Brasil História e Sociedade**: de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. São Paulo: Editora Ática, 2000.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS DO ARQUIVO PESSOAL

Fotografia 1 – Professor Carlos Martins regendo



Fotografia 2 – Professor Álvaro Nascimento (trompete)



Fotografia 3 – Carlos Magno (Eu), no sousafone: primeira apresentação Escola de Música Joaquim Araújo



Fotografia 4 – Reunião para apresentação do projeto da Nova Escola de Música



Fotografia 5 – Lançamento do livro „Estrela Luminosa“ (2015) Romeu Sílvio Bandeira de Melo Centro Espírita Amor e Caridade



Fotografia 6 – Festa de aniversário de Paulo Henrique, primo de Jessica Carolaine, integrante da Orquestra.



Fotografia 7 – João Pedro, primeiras aulas com instrumento (Condições precárias).



Fotografia 8 – Entrada do Teatro Arthur Azevedo



Fotografia 9 – Alunos da Escola de Música na parte interna do Teatro Arthur Azevedo.





Projeto faça bonito 2015.



Apresentação no Forum de Itapecuru-Mirim.



Apresentação no Instituto Missionário Resgate (Itapecuru-Mirim).

 **Carlos Magno** adicionou 6 novas fotos.  
10 de ago de 2015 às 22:37 • 

Escola de Música José Bandeira. Algumas fotos da apresentação em comemoração ao dia dos pais 9 de agosto de 2015. Praça Gomes de Sousa, Itapecuru-Mirim/MA





Trio (Vinícius Madeira, Paulo Gabriel e Antonio Carlos) em sua primeira apresentação



Aulas na Escola de Música.



Aula com o professor Elton Regis.



Apresentação para professores da Escola Ayrton Sena.



Escola Abdala Buzar.



Colégio Jesus Maria José.



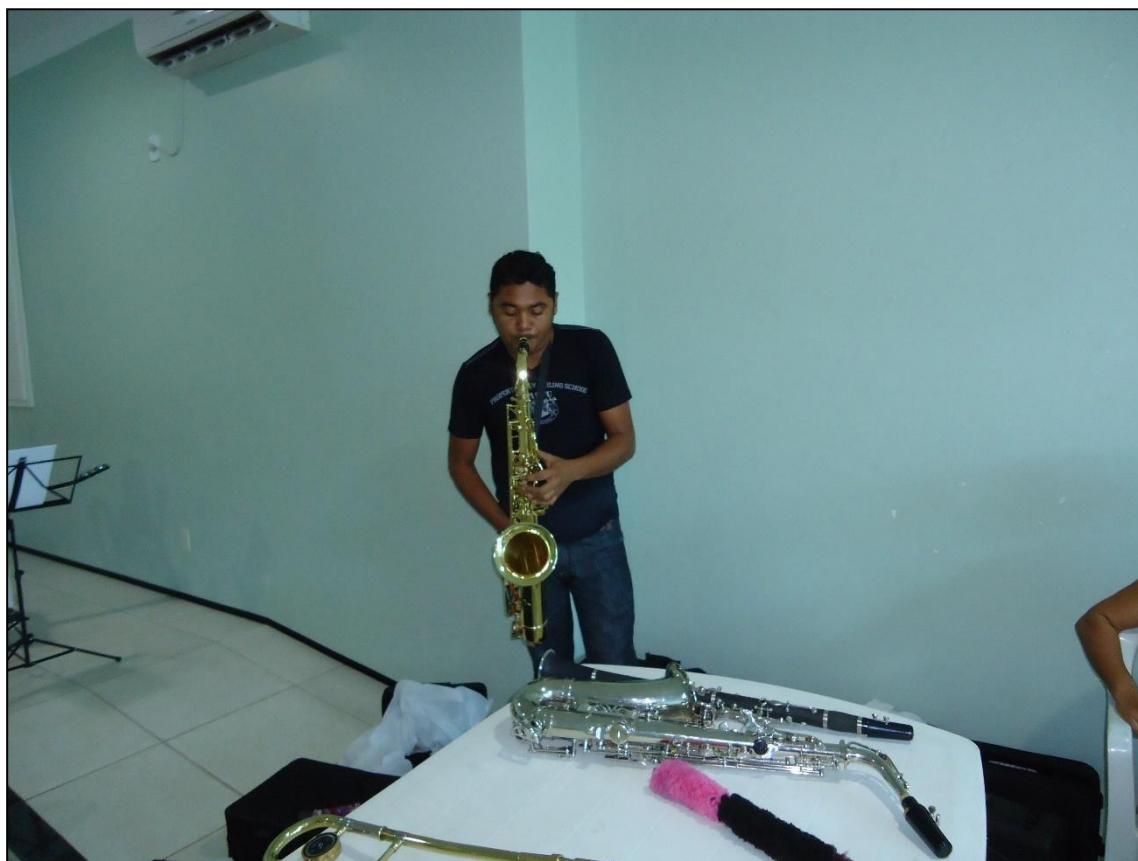
Colégio Jesus Maria José.



Apresentação no Centro Espírita Amor e Caridade.



Apresentação no Centro Espírita Amor e Caridade.



Francisco testando os instrumentos recebidos do concurso Cielo, Banco do Brasil e Bradesco.



Recebimento dos instrumentos concurso Cielo, Banco do Brasil e Bradesco.



Professores da Escola de Música Lillah Lisboa (Raimundo Luiz, Carlos Magno, João Soeiro e Paulinho da flauta)



Professores da Escola de Música Lillah Lisboa (Raimundo Luiz, Carlos Magno, João Soeiro e Paulinho da flauta)



Professor da Escola de Música Lillah Lisboa – João Soeiro.



Professor da Escola de Música Lillah Lisboa – Paulinho da flauta.



Teatro Arthur Azevedo (Pais e alunos).



Primeiras aulas com instrumentos.



Primeiras aulas com instrumentos.



Professor Neilan.



Aniversário Paulo Henrique.



Professor Danilo.



Professor Elton Nascimento.



Professor Costa Neto.



Professor Costa Neto.



Professor Daniel Aranha.